



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Elinne Barros Dantas**

**O ANTI-SEMITISMO DE GUSTAVO BARROSO**

**Natal  
2007**

**Elinne Barros Dantas**

**O ANTI-SEMITISMO DE GUSTAVO BARROSO**

*Monografia apresentada ao curso de História  
da Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte como pré-requisito para obtenção do  
grau de licenciatura plena e bacharelado em  
História*

Orientador:  
Prof. Almir Bueno

**Natal  
2007**

**ELINNE BARROS DANTAS**

**O ANTI-SEMITISMO DE GUSTAVO BARROSO**

*Monografia apresentada ao curso de História  
da Universidade Federal do Rio Grande do  
Norte como pré-requisito para obtenção do  
grau de licenciatura plena e bacharelado em  
História*

Aprovada em \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientador**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

---

**Professor (a)**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

---

**Professor (a)**  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**

**Natal**  
**2007**

## AGRADECIMENTOS

À minha família, por ser o meu alicerce e o meu apoio em todos os momentos da minha vida.

Ao meu amigo Arthur Luís, que numa de nossas conversas sobre movimentos autoritários e anti-semitismo, me apresentou a obra de Hannah Arendt e acabou contribuindo para a definição do meu tema.

Às amigas Juliane, Daniele, Leidiane e Liana, pela força e as palavras de apoio.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>5</b>
<b>CAPÍTULO I</b> .....	<b>7</b>
<b>1. PANORAMA POLÍTICO DA DÉCADA DE 1930</b> .....	<b>7</b>
<b>2. O TENENTISMO</b> .....	<b>10</b>
<b>3. CLASSES DOMINANTES, CLASSES MÉDIAS E INTEGRALISMO</b> .....	<b>12</b>
<b>4. OS ANTECEDENTES, A ORGANIZAÇÃO, ESTRUTURA E IDEOLOGIA DA     AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA</b> .....	<b>15</b>
<b>4.1 ANTECEDENTES</b> .....	<b>15</b>
<b>4.2 ORGANIZAÇÃO</b> .....	<b>16</b>
<b>4.3 ESTRUTURA</b> .....	<b>17</b>
<b>4.4 A IDEOLOGIA</b> .....	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO II</b> .....	<b>23</b>
<b>1. O ANTI-SEMITISMO NA ALEMANHA</b> .....	<b>23</b>
<b>1.1 O Terceiro Reich e a propaganda anti-semita</b> .....	<b>23</b>
<b>1.2 A desilusão com a República de Weimar e o crescimento do anti-semitismo</b> .....	<b>25</b>
<b>1.3 As concepções anti-semitas de Hitler</b> .....	<b>29</b>
<b>1.4 A consciência nacional alemã e a aceitação das crenças nazistas</b> .....	<b>31</b>
<b>2. AS ORIGENS DO ANTI-SEMITISMO MODERNO</b> .....	<b>33</b>
<b>CAPÍTULO III</b> .....	<b>37</b>
<b>1. O ANTI-SEMITISMO DE GUSTAVO BARROSO</b> .....	<b>37</b>
<b>2. GUSTAVO BARROSO E OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO</b> .....	<b>46</b>
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>53</b>
<b>A. FONTES</b> .....	<b>55</b>
<b>B. BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>55</b>

## INTRODUÇÃO

Na década de 1930 algumas transformações políticas e sociais se operaram no Brasil. Quando Getúlio Vargas fundou uma nova República, quebrando com o domínio oligárquico vigente antes de 1930, novos grupos puderam ascender ao cenário político.<sup>1</sup> As classes médias ascenderam politicamente e uniram-se ao Tenentismo, ao integralismo e a Aliança Nacional Libertadora.

O fascismo vicejava na Europa, com sua ideologia autoritária e antiliberal. E o Brasil não ficou imune a esta influência. Foi neste contexto que surgiu o movimento integralista, o qual absorveu a maior parte dos partidos fascistas existentes no país. Embora o integralismo tenha herdado os princípios do fascismo italiano, houve uma vertente de pensamento, dentro do movimento, influenciada pelo fascismo alemão, principalmente no que concerne ao anti-semitismo. Esta vertente foi representada por Gustavo Barroso.

O objetivo deste trabalho monográfico é analisar como se manifestou o anti-semitismo no pensamento deste escritor através de suas principais obras de cunho anti-judaico, entre as quais podemos citar “Brasil, colônia de banqueiros”, “Sinagoga paulista”, “Comunismo, cristianismo e corporativismo”, “Judaísmo, maçonaria e comunismo”. Nestas obras, ele deixou expostos os seus pensamentos e suas acusações contra os judeus, acreditando na tese de que havia uma conspiração judaica para exercer dominação sobre o mundo.

O espaço e tempo de interesse no qual delimitamos nosso tema é o Brasil da década de 1930, período em que Gustavo Barroso escreveu e editou suas principais obras anti-semitas e no qual exerceu sua militância dentro da Ação Integralista Brasileira. A década de 1930 caracterizou-se por uma crise, na esfera político-ideológica, do liberalismo. Ou seja, foi um período em que a democracia encontrava-se abalada no plano internacional, intensificada pelo *crash* da bolsa de Nova York em 1929 e em que ascendia a ideologia fascista, de cunho antidemocrático e autoritário.<sup>2</sup> É o período de implantação do nazismo na Alemanha por Hitler e o início de uma perseguição sistemática aos judeus. No Brasil é o período em que Vargas assumiu o poder, e no qual se manteve por 15 anos, adotando um regime de aspecto antidemocrático e nacionalista. Nesse momento, surgiu o movimento integralista, influenciado pelos dogmas, crenças e rituais do fascismo. A Ação Integralista Brasileira foi

---

<sup>1</sup> CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. 3 ed. São Paulo: Difel, 1982. p.7.

<sup>2</sup> CARONE, Edgar. *Op.cit.* p.96

um dos pólos das disputas ideológicas desse tempo, enquanto a Aliança Nacional Libertadora encontrava-se no outro extremo.<sup>3</sup>

O nosso universo de análise restringe-se a Gustavo Barroso, considerado um dos principais teóricos do integralismo, junto com Olbiano de Melo, Plínio Salgado e Miguel Reale, sendo que suas idéias se diferenciaram pelas posições marcadamente anti-semitas, influenciadas pelo nazismo. De acordo com Maria Luíza T. Carneiro, apesar da inspiração fascista presente nos rituais e ideologia fascista, o anti-judaísmo não foi explícito no movimento como um todo, ficando mais limitado à militância de Gustavo Barroso. Plínio Salgado chegou mesmo a discordar dele e afirmou que o integralismo não nutria nenhuma ressalva com relação aos judeus.<sup>4</sup> Hélió Trindade afirma também que o anti-semitismo teve pouca importância no programa ideológico da AIB, circunscrevendo-se a Gustavo Barroso.<sup>5</sup> No entanto, este autor produziu uma rica quantidade de obras de conteúdo anti-judaico, as quais acreditamos serem capazes de revelar o grau de fanatismo e as motivações que alimentam seu ódio aos judeus. Suas obras tiveram reedições, o que faz crer que houve um público leitor. Assim buscaremos identificar os argumentos que o autor usou para respaldar as generalizações e preconceitos presentes em suas idéias, fazendo uma ligação com a influência que o seu pensamento teve do nazismo. Além disso, analisaremos as características do anti-semitismo na Alemanha, já que foi nesse país que se radicalizou, transformando-se em política de Estado.

No primeiro capítulo, analisaremos o contexto histórico da década de 1930 no Brasil, realçando o cenário de mudanças políticas e sociais do país, assim como de descrença nas instituições liberais e no crescimento das mentalidades autoritárias na Europa que tiveram reflexos no Brasil. No segundo capítulo, analisaremos o fenômeno do anti-semitismo moderno levado às últimas conseqüências pelo nazismo. Buscaremos entender, através da análise de Hannah Arendt, as causas da irrupção do anti-semitismo moderno como movimento político. No terceiro e último capítulo, estudaremos as concepções anti-semitas de Gustavo Barroso através de suas principais obras.

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. **O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.38-52

<sup>5</sup> TRINDADE, Hélió. apud CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *idem*. p. 354.

## CAPÍTULO I

### 1. PANORAMA POLÍTICO DA DÉCADA DE 1930

O movimento integralista surgiu no Brasil num contexto de crise econômica, política e social. Conflitos político-ideológicos, radicalizados no período entre-guerras, se travaram entre fascistas, liberais, social-democratas, socialistas e comunistas, com a crescente descrença no liberalismo e na democracia. Nesse âmbito, o integralismo foi um movimento de massas, de corte nacionalista, que emergiu no contexto do avanço das idéias autoritárias nos anos de 1930, aproximando-se das suas congêneres fascistas.<sup>6</sup>

As dissensões político-ideológicas que fermentaram na década de 1930 tiveram suas origens já nos anos 1920. O modelo liberal-democrático, tão evocado após a I Guerra Mundial, perdia força e ganhava antipatias e descrenças, desgastando-se e abrindo espaço para novas tendências. O nacionalismo ganhava espaço dentro do crescimento de uma mentalidade autoritária. O historiador Mark Mazower declara que o triunfo do liberalismo neste período foi efêmero. Teóricos dos anos 1930 já falavam no refluxo da democracia, enquanto correntes autoritárias surgiram para suplantá-la. Numa época de turbulência econômica e crise política, as propostas não democráticas de governo apareceram como alternativas possíveis para organizar a sociedade. Os defensores do autoritarismo argumentavam que a democracia criara um amálgama de partidos políticos que não defendiam o interesse geral, uma vez que representavam diferentes segmentos da sociedade, e devido a isso, os parlamentos tinham dificuldades para aprovar reformas políticas e sociais. Aos poucos o sistema parlamentarista perdia credibilidade, suscitando diversas críticas. Os jovens que tinham antipatia pela democracia consideravam-na burguesa demais, ineficiente e incapaz de cumprir as promessas liberais de melhoria das condições de vida do povo. O Estado democrático da década de 1930 permanecia numa situação de instabilidade. Além disso, o comunismo tornou-se uma ameaça presente e foi um motivo forte para a formação de regimes antidemocráticos e anticomunistas na Europa. Mazower explica que a democracia do entre-guerras esteve cada vez mais espremida entre os dois extremos: fascismo e comunismo.<sup>7</sup> Na Itália, Mussolini, o chefe do fascismo, falando em prol da ordem e da autoridade,

<sup>6</sup> MAIO, Marcos Chor; CYTRONOWICZ, Roney. Ação Integralista brasileira: um movimento fascista no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs) *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado novo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003. p.45.

<sup>7</sup> MAZOWER, Mark. *Continente sombrio: a Europa do século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, pp.18-31.



invocando o nacionalismo, o amor à nação, a subordinação ao chefe, se referia à Liberdade como um cadáver putrefato e afirmava que todas as tendências do momento convergiam para um antiliberalismo. Espalharam-se pela Europa com rapidez os sentimentos de que o sistema liberal-democrático não era capaz de conter as condições de crise prementes em um período de transição. Os debates parlamentares pareciam “inócuos e pusilânimes” aos olhos dos homens que ansiavam por modificar o estado de coisas vigente. Segundo Joachim Fest, “à exceção da Tchecoslováquia, o sistema parlamentar deixou de vigorar em todos os países da Europa central e da oriental no período compreendido entre as duas guerras.” Em 1939, só havia nove países submetidos ao regime parlamentar. Segundo este autor, a idéia de uma Europa fascista transformou-se em alternativa possível num clima de aborrecimento com a democracia.<sup>8</sup> O fascismo foi, grosso modo, um movimento antiliberal, anticomunista, antiburguês, em cujos elementos principais figuram o culto à violência, à autoridade e o nacionalismo, carregando no seu ideário a noção de hierarquia, baseada no Estado autoritário, centralizado e na economia dirigida. Dentro deste mesmo ideário repousa a noção de cooperação entre as classes, que organizar-se-iam em classes profissionais, fundamento base do corporativismo. Na Alemanha, o nazismo foi uma vertente do fascismo revestido de caráter racista e anti-semita. O Tratado de Versalhes, imposto pelos países vencedores da guerra, tornou o ambiente propício à difusão da ideologia fascista na Itália e Alemanha. O fascismo havia dado uma palavra de esperança para regeneração da Nação.<sup>9</sup> Vale ressaltar também que o movimento fascista havia nascido num momento de reivindicações operárias e que a Revolução Soviética havia causado entusiasmo entre os movimentos de esquerda.<sup>10</sup>

No Brasil, dadas as suas condições, os extremos da esquerda e da direita convergiram no ataque ao regime republicano e oligárquico criado em 1891. Na década de 1930, o país foi receptivo às idéias fascistas européias. Segundo Trindade, uma abundante literatura sobre o fascismo italiano e o Estado salazarista de Portugal esteve presente nas livrarias do país. A situação política brasileira passou a ser vista por muitos ideólogos numa perspectiva antiliberal e autoritária. A Ação Integralista Brasileira seria o amalgamento dos grupos políticos de caráter autoritário. Com isso, Trindade destaca que a fundação da AIB não foi um fato isolado, mas resultado da cristalização de idéias radicais de direita no Brasil nos anos 1930 e da absorção das organizações de inclinação fascista pelo Integralismo, o qual se

<sup>8</sup> FEST, Joachim. *Hitler*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, p.119.

<sup>9</sup> GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o Estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp.101-103.

<sup>10</sup> DEL ROIO, José Luiz. *O que todo cidadão precisa saber sobre fascismo*. São Paulo: Global, 1987, p.14.

constituiu como o principal movimento fascista no Brasil. No entanto, segundo o autor, somente é possível compreender a formação do Integralismo se vislumbrada a mutação ocorrida na sociedade brasileira na década de 1920.<sup>11</sup>

A industrialização permitiu que novas camadas urbanas em crescimento se incorporassem à luta social e, com isso, a legitimidade do domínio oligárquico agrário-exportador fosse posto em xeque. Entre as forças que se organizaram em oposição ao regime republicano e oligárquico na década de 20, estão o Partido Comunista, fundado em 1922, o tenentismo, aliado do Partido Libertador do Rio Grande do Sul, O Partido Democrático de São Paulo e a Aliança Liberal. De acordo com Trindade, 1922 foi um ano chave, pois acontecimentos significativos simbolizaram essa fase de transição no período entre-guerras. Neste ano, ocorreu a Semana de arte moderna, reivindicando valores culturais nacionalistas; fundou-se o Partido Comunista em março, representando um avanço na organização política da classe operária; irrompeu, também neste ano, a primeira ação efetiva do movimento tenentista no Forte de Copacabana, num combate explícito ao regime oligárquico vigente. Ainda de acordo com este autor, as greves ocorridas nos anos de 1918 e 1920, depois da I Guerra, assim como o período que vai da fundação do PCB até a formação da Aliança Nacional Libertadora e da revolta comunista de 1935, forneceram um ambiente de luta social e política que influenciou a formação do líder do Integralismo Plínio Salgado e, posteriormente, a criação da AIB.<sup>12</sup> Mas foram no tenentismo, no Partido Comunista e, posteriormente, na Ação Integralista Brasileira que se fizeram as maiores manifestações centralizadoras contra o sistema federalista.

Em 1929, Getúlio Vargas foi lançado candidato às eleições que ocorreriam em março de 1930. Em torno de sua candidatura estava a Aliança Liberal, que englobava Minas Gerais e Rio Grande do Sul, estados opositores a chapa de Júlio Prestes. As forças que se reuniram em torno da Aliança Liberal para apoiar Vargas eram diversificadas. Entre elas estavam os que se opunham ao regime e os que apenas discordavam de Washington Luís quando este indicou outro candidato paulista. Estes últimos foram os chamados oligarcas dissidentes. Eram ex-presidentes da república, como Artur Bernardes, Epitácio Pessoa e Venceslau Brás, e governadores e ex-governadores, como Antônio Carlos R. de Andrada, Olegário Maciel, João Pessoa e Getúlio Vargas. De outro lado, lutando por reformas mais radicais, os tenentes também participaram da Aliança Liberal, exigindo educação pública obrigatória, reforma

---

<sup>11</sup> TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974, p.15; pp. 105-106.

<sup>12</sup> Idem, p.17.

agrária, adoção do voto secreto, além de preconizarem um regime estatal mais centralizado, num claro combate às oligarquias e os regionalismos.<sup>13</sup> A república instalada após 1930 permitiu um panorama político mais complexo, com partidos representantes das oligarquias agrário-burguesas, como o Partido Democrático e o Partido Republicano paulista, a Ação Integralista, o Partido Comunista e a Aliança Nacional Libertadora.<sup>14</sup> Héglio Trindade lembra que um fator importante na evolução política do pós-guerra foi a tomada de consciência política das classes médias urbanas, provindas da burocracia, do comércio, das pequenas empresas e do exército. A ascensão política das camadas médias incorporou-se, inicialmente, ao tenentismo na contestação ao regime. Porém, nem classe média nem tenentismo tiveram a intenção de realizar as mudanças com a participação das massas populares.<sup>15</sup>

## 2. O TENENTISMO

Surgido na década de 1920, o tenentismo foi um movimento de características militares e no qual se formularam tendências ideológicas de caráter reformista e autoritário.<sup>16</sup> O tenentismo apareceu como a primeira expressão denunciadora dos males dos poderes locais. Entretanto, após a revolução de 30, quando alguns tenentes assumem os governos dos estados ligam-se a grupos coronelísticos, adotando uma política contrária à ideologia do movimento tenentista.

A revolta dos tenentes ocorrida em São Paulo, em julho de 1924, aproximou-os dos civis, pois até aí o movimento nascente ainda se encontrava em isolamento e desconfiado daqueles. A façanha mais arrojada do tenentismo foi dada quando revolucionários gaúchos e paulistas se encontraram formando a coluna Prestes-Miguel Costa, que protestava contra a situação. Quanto às características ideológicas do tenentismo, embora haja uma tendência que se aproxima do PCB, estas ainda eram pouco definidas na década de 20.<sup>17</sup> O tenentismo, como movimento que se identificava numa missão regeneradora, fez um ataque jurídico-político às oligarquias. Seu conteúdo era centralizador e com traços nacionalistas. Juarez Távora pregou a necessidade do centralismo estatal, um maior unitarismo, com a uniformização das instituições através de uma revisão na constituição. A constituição federal modelaria as

<sup>13</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. in: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (orgs), *op. cit.*, p.17

<sup>14</sup> CARONE, Edgar. A república nova (1930-1937). 3 ed. São Paulo: Difel, 1982. p. 187

<sup>15</sup> TRINDADE, Héglio, *op. cit.*, p.25.

<sup>16</sup> FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: Historiografia e História*. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 57.

<sup>17</sup> *Idem*, pp.60-63

estaduais. O ensino, a legislação, o regime eleitoral e tributário seriam unificados. Dessa forma, no tenentismo critica-se a exagerada autonomia dos estados e o predomínio das oligarquias na política destes.<sup>18</sup>

Após 1930, o movimento tenentista pode ascender a postos do governo. Nessas condições, os tenentes conseguiram pressionar pela defesa da representação de classes, a manutenção da ditadura e punição dos políticos comprometidos com a República Velha. No entanto, os “tenentes” serviram aos objetivos de Vargas para aplacar as oligarquias através das interventorias. Era necessário tocar nas bases sócio-econômicas do poder, alterando os elos locais de domínio, enfraquecendo o comando dos fazendeiros e industriais para libertar as camadas média e popular.<sup>19</sup> O tenentismo funcionou como umas das bases de apoio e como sustentáculo militar para implantação do governo pós-30. Ele aliciou partes das camadas médias e proletárias. Concretizou-se na Legião Revolucionária, em torno de líderes como Juarez Távora e Osvaldo Aranha, reclamou um Estado forte, afastado do fascismo e do comunismo, que liquidasse os latifúndios, monopólios e o imperialismo. Entretanto, o tenentismo foi corroído pela pressão das oligarquias regionais durante as interventorias. Apresentou-se sem base popular e sem coesão, desaparecendo como força autônoma. Muitos dos tenentes continuaram orbitando em torno do poder central e outros entraram para as fileiras tanto da ANL como do movimento integralista.<sup>20</sup>

Depois da década de 1930, o tenentismo se afastou do Partido Democrático e das classes médias, pois foi muito associado ao extremismo de esquerda. No pós-30, cada vez mais setores da pequena burguesia iam esvaziando o tenentismo e afluíam para o integralismo ou a esquerda.<sup>21</sup> O integralismo passou a ganhar espaço e a se desenvolver. Herdando o nacionalismo da década de 1920 e alimentado pelo sentimento de desilusão com o liberalismo, recebeu a adesão de intelectuais e as simpatias da Igreja Católica e alguns membros da marinha. A classe média, desprovida de poder político, também buscou no movimento do *sigma* alguma identificação. O integralismo cresceu, sobretudo a partir do movimento comunista de 1935.<sup>22</sup> Portanto, para entendermos um pouco mais sobre a questão das classes médias na composição do movimento integralista, faz-se necessário agora entender um pouco do próprio conceito de classe média na década de 1930.

<sup>18</sup> FAUSTO, Boris, *op. cit.*, p.64.

<sup>19</sup> FAORO, Raimundo, *op. Cit.*, p.687.

<sup>20</sup> FAUSTO, Boris, *op. cit.*, p.73.

<sup>21</sup> *Idem*, p.75.

<sup>22</sup> FAORO, Raimundo. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. 6 ed. Porto Alegre: Globo, 1985, p.699.

### 3. CLASSES DOMINANTES, CLASSES MÉDIAS E INTEGRALISMO

No Brasil da década de 1930 não se pode falar em classes sociais bem definidas. De acordo com Edgar Carone, a divisão de classes da sociedade brasileira se dá esquematicamente com a existência de burguesia, classes agrárias, pequena burguesia e operariado. “No entanto, essa realidade é mais complexa”, devido às particularidades históricas e regionais. Na década em questão, o café representava o setor dominante.<sup>23</sup>

A revolução de 30 representou a queda do sistema político baseado no domínio de grupos familiares e no “declínio do sistema agrícola”. Isso não quer dizer que o sistema político passou ao domínio da burguesia industrial. A indústria sempre esteve ligada ao setor agrícola e dependeu de capitais da agricultura e da pecuária. Portanto não houve choques entre agricultores e indústria.

As classes agrárias e burguesas eram conservadoras. Segundo Carone, havia uma incapacidade destas em se renovar ideologicamente. Depois de 1930 e até a constituição de 1934, a burguesia lutou contra o tenentismo, pregando o retorno ao regime federalista de antes. Foi no desejo de retorno ao domínio oligárquico, que as classes dominantes agrárias e burguesas fizeram irromper a revolução constitucionalista de 1932. Para manutenção do *status quo*, as elites agrárias e industriais, ao tempo em que se colocavam como condutoras do progresso, defendiam a idéia de que não havia classes sociais, portanto não havia luta de classes. Assim, possuíam uma atitude de temor e ao mesmo tempo de hostilidade ao comunismo. Em 1935, as classes conservadoras aplaudiram Vargas e Felinto Muller pela repressão bem sucedida à Coluna Prestes e a criação da Lei de Segurança Nacional.<sup>24</sup>

A atitude destas classes para com o integralismo e o fascismo aparentemente parece ter sido de desprezo, devido à antipatia que o movimento tinha para com o liberalismo, além da pregação que fazia para o uso da força e a negação do Direito. Além das críticas, em geral, a burguesia parece ter ignorado o movimento integralista. De acordo com Edgar Carone, este não se constituiu como motivo de preocupação ou não lhe foi dada muita importância pelas classes dominantes. Chegou-se, entretanto, a admirar o fascismo italiano, mas não o nazismo alemão, pois o anti-semitismo ou parece não ter sido muito aceito ou as elites tiveram uma atitude cuidadosa com as questões raciais.<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup> CARONE, Edgar. *A república nova (1930-1937)*. 3 ed. São Paulo: Difel, 1982, p.81.

<sup>24</sup> Idem, pp.88-90.

<sup>25</sup> Idem, pp.91.

No que diz respeito às classes médias, a revolução de 1930 possibilitou a sua ascensão, assim como a do operariado, o que passou a ameaçar os segmentos das classes dominantes agrárias e burguesas.

À pequena burguesia dá-se o ensejo para uma organização política. A baixa e média burguesias unem-se ao tenentismo militar após 1922. A ação das classes médias se ampliou e uma parte seguiu tendências novas, enquanto outra parte continuou subordinada às classes dirigentes. A pequena burguesia divide-se em lideranças civis e militares. Estas últimas, que compunham o tenentismo, foram capazes de pressionar o governo e estiveram ligadas ao poder.<sup>26</sup> No Brasil, as classes médias dos anos 1920 e 1930 encontravam-se, grosso modo, na administração pública e serviços. Teriam constituído pressão na derrubada do regime oligárquico e entre representantes da classe média, tais como militares, profissionais liberais e funcionários públicos, estariam as propostas mais profundas de mudança, como moralização dos costumes políticos, modernização dos aparelhos do Estado, voto universal e secreto e também corporativismo.<sup>27</sup> Hégio Trindade define classe média, classificando-a em duas categorias profissionais: a média burguesia dos profissionais liberais e os oficiais das Forças Armadas (classe média superior) e a pequena burguesia dos pequenos proprietários urbanos, rurais e os burocratas do setor público e privado. Na estrutura social integralista as classes médias predominaram.<sup>28</sup> Raimundo Faoro, da mesma forma, defende que “a classe média, sobretudo, a nova classe média, sem papel político na sociedade, desdenhada pelas camadas dominantes, sente no credo verde a possibilidade de ajustar-se ao Estado, que a banira durante quarenta anos, como parasitária e improdutiva”.<sup>29</sup>

A classe média civil não atingiu o poder e oscilou entre os extremismos de direita e esquerda. Tanto no fascismo como na ANL, segmentos da classe média civil encontraram espaço para a crítica ao regime. Na formação do integralismo, o movimento conseguiu absorver membros da ala militar tenentista. Nos fins do império e durante a 1ª república, a pequena burguesia não teve possibilidade de se organizar politicamente e estava excluída do sistema político dominado pelas elites agrárias.

O tenentismo teve reivindicações centristas, com alguma inclinação direitista, e muitos tenentes dominaram os governos dos estados e trabalharam ao lado de Getúlio Vargas. Porém, o tenentismo declinou numa incapacidade da classe média militar em se organizar. Enquanto

<sup>26</sup> Idem. pp.97.

<sup>27</sup> CHAUI, Marilena. O imaginário integralista. In: *Ideologia e mobilização popular*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978, pp. 61-62.

<sup>28</sup> TRINDADE, Hégio apud CHAUI, Marilena, *op. cit.*, p.65

<sup>29</sup> FAORO, Raimundo, *op. cit.*, p.699.

isso, a AIB e a organização que lhe foi antagônica, a Aliança Nacional Libertadora, absorveram quase todas as organizações da pequena burguesia. Os dois movimentos foram representativos da ação política da pequena burguesia. Entretanto, a classe média acabou por não ter capacidade de levar adiante uma pretensa autonomia política e foi obrigada, pela instabilidade do momento histórico, a se manter em posição de subordinação às oligarquias ou ao proletariado.<sup>30</sup>

Verificamos, assim, que foi significativo o apoio das classes médias ao movimento revolucionário de 1930 e na Aliança liberal. Entretanto, não se pode falar numa autonomia desta classe com relação ao núcleo agro-exportador, visto que a classe média brasileira vinculava-se a áreas subordinadas a grande propriedade, como administração pública, serviços e etc. Dessa forma, a urbanização ocorreu ligada ao desenvolvimento do sistema agrário-exportador. Portanto, as classes médias encontravam-se na dependência, em nível sócio-econômico, das classes dominantes. Isso explica porque a pequena burguesia se comportou de maneira conservadora, na medida em que seus objetivos buscavam uma reforma política, sem mudança no *status quo* das relações de propriedade, visando apenas o aumento do seu acesso às atividades relacionadas ao Estado.<sup>31</sup> Bloqueadas pelas oligarquias dominantes, que mantinham controle sobre elas, frustradas e sob influência do clima ideológico europeu, as classes médias se viram na premência de optar pelo fascismo ou comunismo. A opção pelo fascismo se deu pelo de a representação política desses setores pode se efetuar no quadro oligárquico hegemônico sem conflito aberto com este. Portanto, a opção política pelo Integralismo se deu, na visão de Chauí, dentro de uma correlação de forças no interior do campo das classes dominantes. A política integralista pode estar dentro de uma proposta de estudantes universitários que tomaram para si a tarefa de manter os resultados políticos de 1930, descartando o liberalismo e os regionalismos. Marilena Chauí destaca que “o autoritarismo e a ditadura surgiram para as elites e a classe média integralista como freio indispensável para paralisar a ameaça operária.”<sup>32</sup> Portanto, o discurso integralista foi dirigido, principalmente, a classe média urbana, pois a esta interessava uma mudança que não desse muitos poderes ao proletariado, nem muito menos que destruísse o direito de propriedade. Era preferível a harmonia social. Foi o que pretendeu o integralismo: manter a

---

<sup>30</sup> Idem, p.97

<sup>31</sup> FAUSTO, Boris, *op.cit.*, p.83

<sup>32</sup> CHAUI, Marilena, *op.cit.*, p.108

propriedade e realizar a cooperação de classes. Para Plínio Salgado, as classes médias eram sinônimo de moralidade e estavam acima das lutas de classes.<sup>33</sup>

#### **4. OS ANTECEDENTES, A ORGANIZAÇÃO, ESTRUTURA E IDEOLOGIA DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA**

##### **4.1 ANTECEDENTES**

Plínio Salgado não inaugurou um pensamento fascista no Brasil. A influência fascista já havia se infiltrado na década de 1920 em pequenos partidos. Houve correntes fascistas regionais, absorvidas por núcleos de italianos no sul do país e correntes fascistas nacionais.

Após a queda do domínio oligárquico, agremiações de cunho fascista se multiplicaram. São elas o Partido Fascista Brasileiro, o primeiro a surgir, a Legião Cearense do Trabalho, a Ação Social Brasileira, Legião de Outubro, Partido Nacional sindicalista, Partido Nacionalista de São Paulo, Partido Nacional Regenerador e AIB.

Já no ano de 1930, surgiu o Partido Fascista Brasileiro. Na sua ideologia é possível enxergar o momento político por que passava o país. No seu manifesto, o partido pretendia promover um combate aos maus, os comunistas, tendo a Itália de Mussolini como inspiração. Daí surgiu o ideal de união de todos os brasileiros para a expulsão dos estrangeiros que exploravam as riquezas nacionais da pátria.

Olbiano de Melo, em 1928, foi autor de três livros de cunho fascista, os quais abordavam a questão do corporativismo e foram esquemas-base para o futuro movimento integralista. No pensamento deste autor, havia as premissas básicas adotadas mais tarde pelo integralismo. Primeiramente, defendia-se o estado corporativo, a representação de classes profissionais, o fim do voto universal, um Estado sindical, além de ataque ao bolchevismo, elogio do modelo italiano e cultivo de valores tradicionais como Família, Deus e Pátria, além da defesa da inviolabilidade da propriedade.<sup>34</sup>

Entre os movimentos que antecederam o integralismo, um dos mais importantes foi a Legião Cearense do Trabalho, dirigido pelo tenente Severino Sombra. A valorização do trabalho e proteção do operariado estava entre os princípios defendidos pelo líder da Legião. Mas, segundo ele, isso só seria possível com a intervenção do Estado, o único capaz de associar trabalho, capital e justiça social. No seu programa, a organização de Severino

---

<sup>33</sup> Idem, pp.53-54

<sup>34</sup> CARONE, Edgar, *op. cit.*, pp.195-197.



Sombra defendia a representação de classes, a legislação social, o combate ao comunismo, além de possuir um caráter antiburguês e anticapitalista.

Na organização, havia uma chefia, um secretariado auxiliar e um conselho com representantes das sociedades confederadas à Legião Cearense. Em 1932, o movimento aderiu à AIB.<sup>35</sup>

A Legião de Outubro mineira, de Francisco Campos, foi outro movimento de caráter fascista, representados pelos camisas cáquís. O movimento expressou a influência fascista em Minas Gerais. Lutou contra as oligarquias mineiras, mas acabou por se dissolver completamente, enquanto estas voltavam ao poder.

A Ação Social Brasileira, de D. João Becker e o Partido Nacional Fascista, de J. Fabrini foram outros exemplos de movimentos fascistas. Em ambos, as suas principais características fascistas se deram pelo fato de elegerem como inimigos comuns o comunismo. Exaltaram os valores patrióticos e obediência a uma organização hierárquica.<sup>36</sup>

## 4.2 ORGANIZAÇÃO

A viagem em 1930 para a Europa colocou Plínio Salgado em contato com o fascismo italiano. O líder do Integralismo havia se convencido de que o Brasil não poderia mais viver na “comédia democrática”. Ele se mostrava descrente com o sufrágio universal. Plínio se queixava do enfraquecimento do poder central, do espírito de regionalismo e do perigo que representava o bolchevismo. Entusiasmado com o fascismo, passou a estudar a ideologia do movimento, e embora tivesse afirmado que este não era bem o regime que precisava ser implantado no Brasil, convenceu-se de que era necessário algo semelhante. Ele acentuou ainda que o fascismo veio num momento preciso e voltou para o Brasil disposto a organizar um movimento nos seus moldes. Quando chegou ao país em outubro de 1930, havia eclodido a Revolução. Salgado criticou o movimento, por este ter sido, segundo ele, um defensor de um fantasma, a liberal-democracia.<sup>37</sup>

Em 1932, Plínio Salgado lançou o Manifesto de Outubro, iniciando o novo movimento fascista brasileiro.

---

<sup>35</sup> *Idem*, p.199

<sup>36</sup> *Idem*, pp.202-203.

<sup>37</sup> TRINDADE, Hélió, *op. cit.*, pp.82-84.

O movimento se iniciou com focos espalhados por várias partes do Brasil. Olbiano de Melo promoveu o núcleo em Minas Gerais. Além disso, havia representantes em Recife, Bahia, no Ceará o padre Hélder Câmara foi um dos principais idealizadores.

Em 1933, Plínio Salgado e Gustavo Barroso lideraram viagens pelo norte do país para difundir o movimento. No sul, as viagens foram dirigidas por Miguel Reale. Para fazer propaganda do movimento, lançou literatura e manifestações públicas.

As marchas tornaram-se comuns a partir de 1932. A primeira foi em São Paulo com 40 pessoas. A segunda foi feita em virtude da chegada de Gustavo Barroso a São Paulo e na qual já haviam se reunido 800 participantes uniformizados com as camisas verdes. A Ação Integralista realizou conferências com discursos de Gustavo Barroso, Miguel Reale, entre outros. Fundou jornais, como *A ofensiva*, e semanários e revistas ilustradas, como *Anauê* e *Panorama*.

Em 1934, a AIB realizou seu primeiro congresso nacional em Vitória, ES. Aí, a AIB pôde efetivar seu modelo de organização, nomeando chefes provinciais, secretários nacionais e chefe de milícias. O segundo congresso ocorreu em Petrópolis, em 1935. Nesse ano, o país encontrava-se em regime constitucional e Plínio Salgado afirmou suas intenções de se candidatar.<sup>38</sup>

Em 1933, o integralismo foi registrado no Tribunal Superior de Justiça Eleitoral. Antes de pretender tomar o poder por meio da violência, Plínio Salgado preferia a idéia de atingi-lo por meio do voto até que mais tarde tentou o golpe de 1938. Porém, Plínio Salgado apoiou o golpe do Estado Novo de 1937. Na sua composição social, a AIB foi constituída inicialmente de elementos da classe média urbana, para só mais tarde atingir elementos da pequena burguesia (militares e pequenos proprietários) e classes populares.

Grosso modo, de acordo com dados apresentados por Carone, as direções regionais e Nacional do movimento foram compostas majoritariamente pela média burguesia intelectual (profissionais liberais, professores, universitários etc).<sup>39</sup>

### 4.3 ESTRUTURA

A organização e estrutura da AIB estavam estreitamente ligadas à sua ideologia. A estrutura baseava numa hierarquia rígida.

---

<sup>38</sup> Idem, pp.206-208.

<sup>39</sup> Idem, pp.211-212.

No estatuto da AIB, elaborado no Congresso de Vitória em 1934, estabeleceu-se a organização como uma associação de direito privado, com sede civil em São Paulo e sede política onde se encontrava o chefe nacional. O movimento teve como principais objetivos ser um centro de estudos políticos e sociológicos e implantar o Estado Integral no Brasil.

O Estado Integral possuía uma ordem política, base de sua doutrina; uma ordem econômica, em que o Estado seria o dirigente da economia; numa ordem moral, a qual defendia valores em torno da tríade Deus, Pátria e Família. Depois do II congresso em Petrópolis, novos estatutos foram aprovados, nos quais afirmava-se seu caráter de associação civil, porém funcionando também como partido político, cujos objetivos foram a reforma do estado, alicerçado nos princípios do culto a Deus, a Pátria e a Família; à Unidade nacional, impedindo-se qualquer luta provincial, de classes e raças, além do princípio da Ordem e Autoridade. A estrutura organizava-se em torno do chefe, localizado no topo da hierarquia, e ao qual ficavam delegadas todas as funções.

O poder do chefe era centralizado, total e permanente. Todos os órgãos e funções estavam sob sua designação. As doutrinas e decisões também cabiam ao líder absoluto e seu poder de decisão deveria ser também indiscutível.

A AIB organizava-se numa estrutura hierárquica, na qual o chefe delegava todas as outras funções. A partir de 1936, o chefe nacional passou a ser assistido por um Conselho superior, Câmara dos 40 e a Câmara dos 400. Subordinados ao chefe nacional estavam os chefes das províncias. A estrutura também se compunha de secretarias, designadas para serviços específicos tais como Cultura artística, assistência social, Imprensa, Propaganda, Feminina e juventude, além de Relações exteriores.

A Ação Integralista empregou rituais carismáticos e utilização de símbolos, além da socialização ideológica convencional dos seus membros por meio da educação doutrinária. O  $\Sigma$  (sigma) foi adotado como símbolo do movimento, pois representava a integração, a idéia de soma e unidade. A saudação indígena *Anauê*, com os braços levantados, representava o ideal de valorização cultural da nacionalidade brasileira. Os ritos da AIB iam desde a iniciação das crianças, com o ensino da doutrina, até o casamento, em que a noiva deveria comparecer a cerimônia civil vestida com a camisa verde do partido. Inclui-se neste conjunto de rituais a cerimônia fúnebre, na qual o caixão do morto era envolvido por uma bandeira do integralismo.<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Idem, pp.219-222.

#### 4.4 A IDEOLOGIA

A ideologia integralista como um todo esteve mais próxima do fascismo italiano. Ao analisar o Manifesto de Outubro, o documento principal da AIB, é possível vislumbrar os princípios básicos do movimento, além das obras particulares dos principais teóricos.

O Manifesto pregava valores como subordinação, hierarquia, Família, Nação e harmonia entre as classes. Por isso, um dos maiores ataques do integralismo foi contra o liberalismo, pois este provocava a divisão dos Estados, dos partidos e das classes. Era necessário tornar a nação una, indivisível e forte. Daí se preconizou a organização em classes profissionais, base do corporativismo fascista. O movimento pregava um Estado forte, que respeitasse o princípio da Autoridade e que liquidasse com o divisionismo dos partidos.<sup>41</sup> A liberal-democracia era vista como um regime que deu ao indivíduo uma expansão indisciplinada, agindo em proveito dos mais fortes e em detrimento dos mais fracos. Ela facultaria aos poderosos a desnacionalização do País; provocaria a desordem dos partidos. A sua idéia de representante do povo é falsa, pois só faz eleger aos parlamentos os poderosos que têm mais dinheiro para comprar eleitores. Seria enfraquecedora do Estado e fortalecedora dos trustes e sindicatos, e ainda abriria as portas ao imperialismo estrangeiro.<sup>42</sup>

O líder Plínio Salgado foi um árduo defensor do nacionalismo cultural. Ele combatia os estrangeirismos presentes na língua e nos costumes brasileiros, enquanto não se conhecia bem os pensadores e poetas nacionais.<sup>43</sup> Plínio Salgado, atacando a influência estrangeira e cosmopolita na ordem econômica-cultural do Brasil, denunciava no Manifesto que os lares “estavam impregnados dos estrangeirismos”. Os poetas nacionais eram ignorados e engrandecia-se o que era de fora. Salgado foi enfático ao afirmar como perniciosa o que ele chama de pseudocivilização da Europa e dos EUA. Além de cultural, o nacionalismo de Salgado assume dimensão econômica quando acusa o capitalismo financeiro internacional de exercer um papel nefasto. O nacionalismo de Gustavo Barroso manifesta-se no seu anti-semitismo radical, colocando o judaísmo no centro dos males e como corruptor da Nação.<sup>44</sup>

A concepção da vida social no Integralismo é de um retorno a um ideal medieval de harmonia entre os homens e as classes, pressupondo que todos os homens podem viver harmonicamente. Entretanto, a ideologia integralista não preconizava uma igualdade natural

<sup>41</sup> CARONE, Edgar. *A república nova (1930-1937)*. 3 ed. São Paulo: difel, 1982, p.223.

<sup>42</sup> MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil (1930/1945)*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1978, p.439-440.

<sup>43</sup> Idem. p.224

<sup>44</sup> TRINDADE, Héliogio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974, pp.219-220.

entre os homens. Do contrário, os homens seriam naturalmente diferentes. Decorre daí, que a harmonia social só se faria por meio de uma Hierarquia. Plínio Salgado afirma que a sociedade Integral estruturar-se-ia em três bases: a Família, o Sindicato, o Município.<sup>45</sup> Ao integralismo cabia a tarefa de conduzir a Nação para um grande destino.

Tanto para Plínio Salgado como para Gustavo Barroso, a história da Humanidade seguia uma linha evolutiva, com aperfeiçoamento progressivo. Estas idéias estão presentes no livro *Quarta Humanidade*, do primeiro autor, e *Quarto Império*, do segundo. O integralismo representaria a última etapa, na qual se realizaria o homem integral. No caso de Barroso, ele procura mostrar sempre a ação maléfica dos judeus nos diversos períodos da História, que seria eliminada pelo Quarto Império, no qual a sociedade se calcaria nos princípios do Integralismo.<sup>46</sup>

Para Gustavo Barroso o estado integral seria o único capaz de realizar uma transformação. Segundo ele, Itália e Alemanha eram estados totalitários bons. O Estado integral pairaria acima das influências partidárias e de classes e grupos financeiros. Entre os grupos mais nefastos apontados por ele, estaria a maçonaria, patrocinada pelo judaísmo internacional. Os judeus, na ótica de Barroso, eram usurários e agiam maleficamente na economia. Barroso simplifica, por meio de “conceitos vagos”, a história do Brasil, ao afirmar que os judeus estavam por trás dos grandes acontecimentos, tais como a independência das Américas, a inconfidência mineira, às revoltas dos alfaiates na Bahia (1798), à de Pernambuco (1817).<sup>47</sup>

Além do liberalismo, a Ação Integralista Brasileira teve como inimigos o socialismo, o capitalismo internacional, e as sociedades secretas vinculadas à maçonaria e ao judaísmo. O Estado liberal criou condições para que o capitalismo internacional agisse livremente e o socialismo se desenvolvesse. No ponto de vista integralista, o socialismo e o capitalismo não são opostos, mas o primeiro seria resultado do segundo, e ambos se colocavam em bases materialistas.

Apesar de o integralismo atacar o capitalismo internacional, a organização econômica proposta pela ideologia não coloca em questão os princípios básicos deste sistema. O que se condena, na verdade, é o capitalismo financeiro internacional. Pois ele era expressão do imperialismo dos países ricos que submetiam os países sem recursos para se industrializarem a uma escravidão econômica. O imperialismo, para Plínio Salgado, eram os trustes,

---

<sup>45</sup> Idem, pp.209-210.

<sup>46</sup> Idem, p.212.

<sup>47</sup> CARONE, Edgar. *op cit*, p.231

monopólios, sindicatos e bancos, que se constituíam em forças poderosas agindo dentro do Estado, abusando das franquias e liberdades do Estado liberal.<sup>48</sup> Porém o integralismo não questiona o princípio da propriedade privada. Ele propõe o sistema corporativo, que integre todas as classes profissionais em corporações, superando assim os conflitos de classes da sociedade liberal-democrática. Continua afirmando o direito à propriedade, o princípio do lucro e a iniciativa individual, só que o capitalismo estaria subordinado aos direitos nacionais, a economia seria dirigida pelo Estado. Dessa forma, o capitalismo seria controlado pelo Estado Integral e não mais baseado no “individualismo desenfreado” característico do sistema econômico liberal-democrático. O comunismo, de um modo geral, é tido na visão integralista, como consequência lógica da evolução econômico-social da sociedade liberal-democrática. Para com Plínio Salgado os governos democráticos funcionavam, dessa forma, como fantoches dos detentores do poder econômico. Ele diz que “os governos nada significam nos países liberal-democráticos porque, à revelia deles, decidem a sorte dos povos os cartéis, os monopólios, as bolsas, os bancos.”<sup>49</sup> Gustavo Barroso é globalizante na sua visão de capitalismo internacional, ao colocá-lo junto com o socialismo como indissociáveis do judaísmo.<sup>50</sup>

Apesar de Gustavo Barroso ter representado a ala anti-semita do integralismo e de ter influência do nazismo, Héliog Trindade afirma que o anti-semitismo foi um motivo irrelevante de adesões ao movimento. Segundo ele, o Brasil não tinha uma tradição anti-semita antes da Ação Integralista e a influência de Gustavo Barroso se deu no interior do movimento.<sup>51</sup> Em 1936, Plínio Salgado declarou na revista *Panorama* que o integralismo não pretendia culpar ou fazer qualquer acusação contras os judeus e negava ainda a existência da relação judeu/capitalismo, visto que, para ele, 60% “do agiotismo internacional era praticado por israelitas, mas isso não fazia deles os responsáveis por todos os males do mundo.”<sup>52</sup>

Segundo Trindade, o anticomunismo foi a principal motivação da aderência de cerca de dois terços dos militantes integralistas. Esse motivo se deu mais pela simpatia com o fascismo do que necessariamente pela força política do PCB, antes de 1935, quando a ANL se formou. A simpatia pelo fascismo foi o segundo motivo de adesão. Já o nacionalismo, tão característico do discurso integralista, não se configurou como o motivo principal, uma vez

<sup>48</sup> MEDEIROS, Jarbas, *op. cit.*, p.425 e p.447.

<sup>49</sup> PLÍNIO, Salgado apud MEDEIROS, Jarbas, *op. cit.*, p.443.

<sup>50</sup> TRINDADE, Héliog, *op. cit.*, pp,243-247.

<sup>51</sup> *Idem.* p.161.

<sup>52</sup> SALGADO, Plínio apud CARNEIRO, Maria Lúzia Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.364.

que, de acordo com a pesquisa de Trindade, era mencionado por menos da metade dos aderentes. Entretanto, apesar da pouca importância do anti-semitismo como fator de motivação e adesão dos militantes, Trindade revela que dois terços dos militantes não discordavam da idéia de que “o espírito judeu era uma ameaça permanente para a humanidade”. Além disso, Gustavo Barroso foi considerado um dos principais intelectuais do Integralismo e um fervoroso defensor de idéias anti-semitas.<sup>53</sup> Ele escreveu diversas obras de conteúdo anti-judaico, algumas, inclusive, reeditadas. É do anti-semitismo moderno radicalizado pelo nazismo, e a sua influência no pensamento de Gustavo Barroso que trataremos nos capítulos seguintes.

---

<sup>53</sup> TRINDADE, Hélió, *op. cit.*, pp.271.

## CAPÍTULO II

### 1. O ANTI-SEMITISMO NA ALEMANHA

#### 1.1 O Terceiro Reich e a propaganda anti-semita

Como vimos no capítulo anterior, o integralismo foi considerado o mais importante partido de orientação fascista do Brasil da década de 1930. Entre um de seus líderes estava Gustavo Barroso, que atuou como chefe das milícias da AIB. O anti-semitismo de Gustavo Barroso apresenta alguns dos traços principais daquele preconizado por Adolf Hitler, que consolidou o nazismo na Alemanha a partir dos anos 1930, o mesmo período em que o integralismo era criado e Barroso publicava no Brasil obras de teor anti-judaico.

Depois da I Guerra, a recém-criada República de Weimar teve de enfrentar as pesadas indenizações impostas pelos países vencedores, além de uma inflação de 2000% e milhões de desempregados.<sup>54</sup> Nesse período, a Alemanha era um país endividado e em crise. A moeda se desestabilizou a ponto de com um centavo de dólar poder-se adquirir cem marcos. Em 1922, o país passava por um processo de hiperinflação e emissão de papel moeda em larga escala, o que em 1923, chegava a quatro quatrilhões de marcos por dia. Foi neste cenário que floresceu o partido nacional-socialista alemão, no qual Hitler introduziu suas idéias e desde já anunciou os inimigos da Alemanha e os culpados pela crise: os judeus e o comunismo.<sup>55</sup>

Surgido em 1925, O movimento nazista pregava a responsabilidade judaica pelos males que assolavam a Alemanha. O líder do movimento, Adolf Hitler, se aproveitava do momento de crise social e econômica do país para aí adequar o seu discurso anti-semita. Durante o período em que esteve na prisão, devido a uma tentativa de golpe malograda em 1923, o chamado Putsch de Munique, Hitler escreveu *Mein kampf*, livro no qual elaborou toda sua teoria anti-semita.<sup>56</sup> Em 1933, Adolf Hitler chegou ao poder como chanceler do Reich. Por meio de uma ideologia racista, fundamentada na crença da superioridade da raça ariana representada pelo povo alemão, Hitler pretendia reerguer o país e afirmar a nação. Impôs um verdadeiro culto à sua personalidade, empregando rituais e cerimônias grandiosas para

<sup>54</sup> DEL ROIO, José Luiz. *O que todo cidadão precisa saber sobre fascismo*. São Paulo: Global, 1987, pp.36-38.

<sup>55</sup> JOHNSON, Paul. *Tiempos modernos: La historia del siglo XX desde 1917 hasta la década de los 90*. Buenos Aires: Javier Vergara, 1993, pp.143-144.

<sup>56</sup> CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas (1930-1945)*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.65.



submeter as massas por meio de forte propaganda do regime, utilizando para isso, elementos psicológicos e carismáticos. Erguia-se um Estado antidemocrático, no qual os discursos e comícios grandiosos eram recursos psicológicos empregados para doutrinar as massas, dizendo a elas o que precisavam ouvir. Afirmção da supremacia racial alemã, assim como a promessa de fortalecimento da nação eram argumentos facilmente assimiláveis num momento de tensão social.<sup>57</sup> A Alemanha em crise no início da década de 1930 possibilitou rápida disseminação do discurso de Hitler. Ao nacionalismo incorporou-se a idéia de racismo, que defendia uma Alemanha forte e ariana. Segundo Montserrat Guibernau, “o racismo ganha adeptos nos tempos difíceis, quando a posição preeminente de um grupo se acha ameaçada.”<sup>58</sup> O nazismo utilizou-se do discurso anti-semita e depois de ascender ao poder, impôs sua visão de mundo a toda a sociedade alemã. Os judeus foram relegados, a partir desse momento, à condição de minoria perseguida. Os judeus, povos racialmente indesejáveis, a causa dos problemas alemães, deveriam ser exterminados, pois se constituíram uma ameaça à excelência ariana.<sup>59</sup> No caso da ideologia nazista, a questão nacional, tão presente no fascismo, revestiu-se de caráter racista, elegendo o judeu como o inimigo a ser combatido. De acordo com Maria Luíza Tucci Carneiro, Hitler viu no anti-semitismo uma arma eficaz de propaganda para chegar ao poder. Por meio dessa arma, foi possível dar ao povo um inimigo real e garantir o seu apoio no combate a este inimigo, obtendo assim legitimação política. Dessa forma, esse inimigo eleito foi um instrumento de poder, para angariar o apoio das massas.<sup>60</sup> Sternhell afirma que o anti-semitismo foi um instrumento usado para atrair o proletariado à comunidade nacional, ou seja, uma maneira de agrupar burguesia e proletariado no apoio ao nazismo contra um inimigo comum a todos, o judeu.<sup>61</sup> O colapso econômico e social sofrido pela Alemanha no período entre-guerras deu ensejo para que a mentalidade coletiva fragilizada estivesse vulnerável a propagandas ideológicas. O movimento anti-semita moderno surgiu na Europa nos fins do século XIX, mas foi o nazismo quem o catalisou, usando-o como um instrumento para seduzir as massas num momento de crise, e mais tarde, transformando-o em política de Estado.<sup>62</sup>

---

<sup>57</sup> Idem, p.68.

<sup>58</sup> GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o Estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, pp.97-98.

<sup>59</sup> Idem, p.100.

<sup>60</sup> CARNEIRO, Maria Luíza Tucci, *op. cit.* pp.68-69.

<sup>61</sup> STERNHELL, Z. apud GUIBERNAU, Montserrat. *op.cit.* p.105.

<sup>62</sup> ARENDT, Hannah. *Origens de totalitarismo: anti-semitismo, instrumento de poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1975, pp.60-61.

A primeira política adotada, assim que implantou o Terceiro Reich, foi a promulgação de ordens para excluir judeus das profissões liberais e universidades, interditar a entrada destes em alguns ambientes e forçá-los a emigrarem. Muitos médicos, juristas, arquitetos e jornalistas judeus foram impedidos de exercer suas profissões. Com as Leis de Nuremberg, promulgadas em 1935, a situação dos judeus se agravou na Alemanha. Dessa vez, eles foram totalmente excluídos da cidadania alemã. Foram proibidos, a partir daí, de trabalhar em serviços domésticos para alemães e até de manter relações sexuais com os “alemães puros”. Nestas condições, uma massa de judeus alemães, destituídos de sua nacionalidade, foram obrigados a abandonar a Alemanha e se refugiar em outros países. Porém muitos países simpatizantes do regime nacional-socialista alemão não aceitaram a entrada destes judeus, alguns dos quais chegaram mesmo a ser entregues a GESTAPO por esses países. No Brasil, Maria Luíza Tucci Carneiro afirma que o governo Vargas instituiu um sistema de cotas para controlar a entrada de imigrantes no país, uma vez que uma grande massa de judeus expatriados fugia da perseguição nazista, em busca de asilo em outros países. Ela conta que noventa e cinco passageiros judeus foram impedidos de desembarcar no Brasil a bordo do navio espanhol Cabo Hornos. A autora diz ainda que “as opções para os judeus não eram muitas: emigrar ou correr o risco de serem mandados para um campo de concentração. A permanência no Reich havia se tornado impossível.” Criaram-se os primeiros campos de trabalho, ou campos de concentração para onde foram levados milhões de judeus durante toda a vigência do regime nazista.<sup>63</sup>

## **1.2 A desilusão com a República de Weimar e o crescimento do anti-semitismo**

Mais do que um país em crise, a Alemanha era um país com “orgulho ferido”. E as condições que levaram a ascensão do nazismo só podem ser entendidas se levadas em consideração também as particularidades do próprio povo alemão. Como veremos, o discurso anti-semita não foi somente uma arma usada para conquistar o poder (embora tenha sido eficaz nesse sentido como bem afirmou Hannah Arendt), ou um puro véu ideológico escondendo os reais interesses de políticos demagogos. Adolf Hitler e os adeptos do nazismo alimentavam um ódio sincero pelos judeus.

A república criada na Alemanha após a I Guerra era democrática, com voto universal e secreto. O regime, de representação proporcional, era constitucional e parlamentar. Porém o

---

<sup>63</sup> CARNEIRO, Maria Luíza Tucci, *op.cit.*, pp.70-76.

presidente eleito não era o chefe de governo. Esta função foi exercida por um chanceler representante do parlamento. No entanto, de acordo com o historiador Paul Johnson, a Alemanha e o povo alemão haviam sido educados com a idéia de que a Alemanha era uma unidade orgânica e o parlamento e suas divisões lhes pareceu algo anti-natural.<sup>64</sup>

Entre os homens provindos das forças armadas havia um certo ressentimento com a República de Weimar e a social-democracia por identificá-las com a aceitação vergonhosa do armistício e o Tratado de Versalhes. Weimar representava uma república em acordo com os interesses britânicos e americanos. A liberação artística que vigeu na república alemã antes de Hitler chegar ao poder enfureceu os tradicionalistas e reforçou a paranóia de que a cultura decadente de Weimar era inspirada e controlada por judeus.<sup>65</sup>

O anti-semitismo alemão apoiava-se em bases teóricas pouco sólidas, pois se assentava na teoria contraditória de que os judeus dominavam tanto o comunismo como o capitalismo. É certo que os judeus haviam se destacado nos primeiros partidos comunistas, mas na Rússia perderam terreno desde que os bolcheviques assumiram o poder em 1925, e de acordo com Johnson, o regime teve um perfil anti-semita. Na Alemanha, foram perdendo espaço no Partido Comunista e nas eleições alemãs de 1932 nenhum candidato era judeu. Tampouco os judeus eram importantes nas finanças e na indústria alemã. Na década de 1920, os judeus quase nada tiveram a ver com as finanças oficiais. Segundo ele, os grandes capitais deste período estavam representados por Alfred Hugenberg e o Partido Popular, ambos de corte nacionalista e tendência anti-semita. Depois de 1920, um dos poucos judeus que ocuparam altos cargos foi Walther Rathenau, assassinado dois anos depois.<sup>66</sup> Os judeus foram perseguidos justamente quando não tinham influência ou prestígio algum. Quando Hitler subiu ao poder, os bancos alemães já estavam *Judenhein* (desjudaizados).<sup>67</sup>

Entretanto, se na esfera político-econômica, os judeus exerciam papel insignificante nas décadas de 1920 e 30, nas artes e cultura a situação era distinta. Estavam entre os melhores diretores de cinema, críticos de arte, dramaturgos, atores e cantores. Eram donos de diários importantes, como *Zeitung*, de Frankfurt, o *Berliner Tageblatt* e *Vossische Zeitung*. Em todos os setores das artes, os judeus tiveram papel ativo na Alemanha pré-Hitler. Tal fato, provavelmente, serviu para fortalecer os argumentos posteriores dos anti-semitas que acusaram os judeus de conspirarem através da imprensa. Segundo Johnson, esta foi uma das

<sup>64</sup> JOHNSON, Paul, *op. cit.*, pp.119-120.

<sup>65</sup> *Idem*, p.125.

<sup>66</sup> *Idem*, p.126.

<sup>67</sup> ARENDT, Hannah, *op.cit.*,p.22.

razões que motivaram os progressos surpreendentes do anti-semitismo na Alemanha.<sup>68</sup> Hannah Arendt analisa que o fato de muitos judeus terem se envolvido em atividades intelectuais e culturais resulta de seu desligamento das tradições judaicas de seus pais e do seu desejo de assimilação na sociedade não-judaica. Os filhos de negociantes e banqueiros judeus buscavam cada vez mais profissões liberais e afluíam, de maneira marcante na Alemanha e Áustria, para as instituições culturais, para a área jornalística, editorial, musical e teatral.<sup>69</sup>

Embora o anti-semitismo moderno não tenha sido um fenômeno exclusivo da Alemanha, foi neste país onde encontrou as forças propícias para atingir o seu ápice. Na análise de Johnson, a idéia nacionalista do *Volk*, identificado com o camponês, do homem assentado nos campos e bosques da paisagem germânica contrapôs-se ao proletário industrial e ao burguês cosmopolita. O proletariado foi visto como uma criação dos judeus “desarraigados”. As grandes cidades eram formadoras do “proletariado e o burguês mundial” que destruíam tudo que era natural. As novelas enaltecedoras do campesinato eram anti-semitas e Hitler foi seu ávido leitor. Os judeus eram identificados com a crueldade da sociedade industrial. As primeiras expressões de anti-semitismo organizado apareceram nos partidos camponeses. Já no final do século XIX, muitos intelectuais românticos e anti-semitas alemães atacaram o judaísmo e já se esboçavam as primeiras deformações da obra de Darwin para justificar a raça. Muitos desses intelectuais atacavam a decadência judia em prol da pureza nórdica. Deus encarnava-se na raça alemã e o demônio na raça judia, ambos representando respectivamente o Bem e o Mal. As teorias da raça afloraram rapidamente no pós-guerra. Folhetos anti-semitas se difundiram aos milhões, inclusive com propostas radicais de extermínio de judeus. A atitude de muitos judeus foi a assimilação radical, com tentativas de infiltração na agricultura e no exército, ou partindo para o oposto, criando organismos de defesa, como ligas e clubes.<sup>70</sup>

O nacionalismo alemão pós-guerra se manifestou na proliferação de partidos racistas e grupos independentes que atacavam a democracia parlamentar, por considerá-la a imposição estrangeira dos vencedores. O historiador Joachim Fest alega que a Alemanha estava impregnada de rancor com o Tratado de Versalhes, por causa de suas “proscrições, amputações territoriais e as reparações”. Em suma, pelo empobrecimento e ruína moral de numerosas camadas da população. A democracia vitoriosa do pós-guerra foi ilusória, pois imediatamente se viu ameaçada pelos movimentos autoritários nascidos na maior parte dos

<sup>68</sup> JOHNSON, Paul, *op. cit.*, p. 127.

<sup>69</sup> ARENDT, Hannah, *op. cit.*, p.82-83.

<sup>70</sup> JOHNSON, Paul, *op. cit.*, pp. 129-131.

Estados europeus. Esses movimentos cresciam nos países onde houve levantes radicais de esquerda ou onde os resultados do conflito mundial provocaram descontentamento. Nas palavras de Fest, “o nacional-socialismo não era senão uma variedade daquele movimento europeu de protesto e resistência que se propunha a modificar o mundo.”<sup>71</sup>

Além disso, o terror vermelho provocou um impacto negativo na imaginação nacional. A revolução bolchevista na Rússia se constituiu motivo de preocupação, já que se apresentava como ameaça real, uma vez que o proletariado internacional teria como objetivo iminente conquistar a Alemanha. A ameaça bolchevista tornou-se um dos argumentos fundamentais do discurso de Hitler, além de realizar uma coesão interna dentro do partido nazista. Hitler repetia sempre nas reuniões do partido nacional-socialista que seu objetivo residia no repúdio e eliminação da concepção marxista. Somado a isso, o desconforto e desalento de inúmeros alemães com a sociedade surgida no pós-guerra fez crescer entre eles um sentimento pessimista de uma civilização afundada no caos e que perdia os seus antigos valores tradicionais.<sup>72</sup>

A massa de homens desiludidos assistia, no plano econômico, ao crescimento desenfreado dos trustes e a da produção em série. O cenário cosmopolita do mundo moderno industrial, as grandes cidades, além da liberalização no campo moral suscitaram nos movimentos românticos, desde fins do século XIX, uma atitude de pessimismo e ao mesmo tempo de nostalgia e retorno a uma vida mais simples. O desenvolvimento técnico da Alemanha havia promovido desde o início, uma resistência às inovações e o crescimento de uma corrente pessimista. No período entre-guerras, a sociedade capitalista urbana parecia alicerçar-se em incertezas, num declínio espiritual e moral aos olhos desses pessimistas. Essa desilusão com a civilização Ocidental, presente nas ideologias autoritárias, demonstravam o declínio dos valores liberais do Ocidente, cuja organização política advinha dos ideais iluministas.<sup>73</sup>

Essas tendências hostis à civilização conjugaram-se ao anti-semitismo. Isso porque o judaísmo fora associado sempre à assimilação da modernidade e ao crescimento urbano. Tratava-se de um anti-semitismo reacionário. Os homens que voltaram da guerra defendiam os princípios da fidelidade, da disciplina e do amor patriótico. Eram hostis à civilização, recusavam-se a aceitar a infiltração aviltante da democracia, com seus direitos do homem e a fraqueza dos parlamentos. A Alemanha parecia-lhes estar sendo corrompida por um infame

<sup>71</sup> FEST, Joachim. *Hitler*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991, pp.99-100.

<sup>72</sup> Idem, p. 104.

<sup>73</sup> Idem, pp.105-108.

Tratado de Versalhes. Perdia-se aquela Alemanha imperial, romântica e apolítica de outrora. Segundo Joachim Fest, Hitler foi um desses homens. Ele saiu da guerra carregando consigo a síntese dos sentimentos de angústia, pessimismo e rancor.<sup>74</sup>

### 1.3 As concepções anti-semitas de Hitler

O ponto de partida da orientação filosófica de Hitler se deu sob a influência do ambiente ideológico da capital austríaca. O anti-semitismo fundamental de Hitler teve origem na escola profissional de Linz, na Áustria, onde estudou durante a juventude no início do século. Nesta escola, flamejava entre os estudantes um nacionalismo exacerbado que alimentava a idéia de raças baseada no Darwinismo social. Foi de lá que Hitler herdou seu anti-semitismo.<sup>75</sup>

Joachim Fest afirma que Hitler criou uma imagem patológica e delirante dos judeus. Já desde 1923, nas reuniões do partido, argumentava que os judeus eram uma raça, mas não seres humanos. Eles eram a imagem do Diabo e a tuberculose racial dos povos. Ele passou a usar termos da parasitologia para se referir aos judeus e assim afirmar que a doutrina nazista seria a cura do mundo. Era preciso tomar medidas contra o que ele chamava de “parasitas”, “sanguessugas” ou “vampiros dos povos”. Mais tarde, em 1942, quando adotou a solução final, pondo em prática seu projeto de aniquilação em massa dos judeus, Hitler estava certo de que fazia um grande favor à humanidade. Ele chegou a comparar o seu feito ao de cientistas como Pasteur e Koch, uma vez que estava eliminando o “vírus judeu”.<sup>76</sup>

Hitler considerava que a Alemanha era o alvo principal da conspiração judaica para realizar o seu domínio mundial. Isso porque, era neste país onde se encontrava a supremacia ariana. Portanto, era nele também que o bolchevismo e o capitalismo agiam destrutivamente. Entretanto, se era a Alemanha o centro da ação estratégica judaica, seria ela também o centro da eliminação dessa enfermidade mundial. Na sua versão fanática, a Alemanha estava sendo invadida por bolchevistas, maçons e capitalistas. O judeu era comandante dessa ação destruidora, pois dispunha de 75% do capital mundial, dominava o marxismo e a bolsa de valores, a Internacional vermelha e a do ouro e finalmente manobrava as alavancas do destino

---

<sup>74</sup> Idem, pp. 109-113.

<sup>75</sup> Idem, p.39.

<sup>76</sup> Idem, pp. 259-260.

da humanidade. Nas imagens criadas por Hitler, os judeus eram representados como vermes ou como um polvo, cujos tentáculos agarravam a humanidade.<sup>77</sup>

Assim, o *fürer* se viu como o super-homem dos mitos folclóricos germânicos, que relatavam a saga de chefes ressurgidos para salvar o seu povo. Para ele, o fascismo seria a redenção da humanidade. Por isso, assumira a feição de organização militarista, e não de partido tradicional, já que visava à luta, exaltava a violência e pretendia fazer de sua ação uma continuidade da guerra. O nazismo, como um movimento fascista, organizava-se em termos de guerra.

Em *Mein Kampf* encontra-se sistematizado tudo o que Hitler queria quando tomasse o poder. A ideologia encontrada nesta obra reunia o antimarxismo e o anti-semitismo, que formavam a sua visão de mundo. Hitler incorporou aí o nacionalismo racista, baseado nas teorias pseudocientíficas do século XIX e no pavor burguês da revolução de esquerda, que na Alemanha havia se transformado em angústia social.<sup>78</sup>

Hitler sentia-se obcecado pela idéia de uma enfermidade mundial e acreditava na sua missão de salvador da História. A convicção de que precisava realizar uma tarefa “titânica” e universal de aniquilação dos judeus talvez explicasse o caráter metódico com que a realizou nos anos que seguiram após a eclosão da II Guerra. Ele desenvolveu uma visão apocalíptica da dominação marxista-judaica do universo e, por conseguinte, dava à sua tarefa um aspecto de luta cósmica. Adolf Hitler assegurava que “a doutrina judaica do marxismo conduziria, enquanto fundamento do universo, ao fim de toda organização intelectualmente acessível ao ser humano.”<sup>79</sup>

Ele enquadrou a Humanidade num Darwinismo social. A História era a soma dos combates entre os povos, em que os mais fortes suplantavam e dominavam os fracos e débeis. O princípio da seleção que vigorava na selva valia para o homem. Era a lei natural, sob a qual deveria este se submeter. No entanto, Hitler acreditava que a civilização declinava com a mistura do elemento louro e ariano às raças inferiores. A dominação ariana estava ameaçada pela mistura racial, o que a seu ver era uma infração às leis naturais. A mistura dos sangues era causa da morte das velhas civilizações. Dentro desta perspectiva, a república de Weimar dos sindicatos operários, a arte moderna, a vida noturna, as doenças venéreas e a organização capitalista eram a expressão da investida de uma raça inferior contra o elemento ariano. Por trás dessa investida, estava o inimigo primordial, dissimulado e estrategista, “sequioso de

---

<sup>77</sup> Idem, p.114.

<sup>78</sup> Idem, p.254.

<sup>79</sup> HITLER, Adolf apud FEST, Joachim, *op. cit.*, p. 255.

poder”: o judeu. Este era literalmente o culpado de tudo, desde a “ditadura da bolsa de valores e as ideologias humanitárias até os trinta milhões de vítimas na Rússia soviética.”<sup>80</sup>

#### 1.4 A consciência nacional alemã e a aceitação das crenças nazistas

Norbert Elias observa que para se entender as condições que levaram à ascensão do nacional-socialismo não basta apenas atentar para a crise econômica da década de 1930. Foi considerável o padrão de desenvolvimento a longo prazo na Alemanha. O autor relaciona a ascensão de movimentos nacionalistas como o nazismo ao anseio nostálgico do povo alemão por um líder forte, capaz de levá-los à unidade e ao consenso. Isso se deve ao fato de, no passado, o território alemão ter sido fragmentado e de durante séculos os alemães terem lutado entre si. Enquanto na Alemanha imperial havia subdivisões e poderes exercidos por príncipes locais, muitos Estados europeus já eram unificados e centralizados. Dadas essas condições, os alemães viviam em conflito e por isso eram fracos e desunidos. Norbert Elias diz que havia entre eles, principalmente em situações de crise, o desejo de unidade ocasionado pelas experiências históricas de fragmentação e pela auto-imagem que tinham de pessoas incapazes de viver sem discórdia.<sup>81</sup> Estes fatos criaram a predisposição a reagir às experiências de fragmentação, clamando por um *Kaiser* ou *Fürer* capaz de impedi-las de acontecer.

A sensibilidade dos alemães às lutas e desavenças entre si mesmos se manifestou na aversão à democracia parlamentar e nos conseqüentes conflitos provocados pelo pluripartidarismo. Além disso, não possuíam uma tradição que lhes permitissem lidar seguramente com conflitos. Temiam perder o controle diante de contendas partidárias. Nas décadas de 1920 e 30, era comum alemães cultos dizerem que a democracia não servia para eles. Tudo que precisavam era de um homem forte que os disciplinasse e mantivesse a ordem. Ansiavam por uma unidade que eliminasse todo resquício de conflito.<sup>82</sup>

Antes de 1918, a Alemanha tinha atingido o *status* de uma grande potência unificada. Depois da Guerra sofreram uma derrota e na opinião de muitos alemães, a decadente República de Weimar foi a representação dessa derrota. A idéia do “Terceiro Reich” sob um líder forte era a esperança de resgatar uma sonhada Alemanha grandiosa. Na opinião de Elias, o orgulho nacional alemão sempre foi muito frágil. Muitos alemães, membros de uma nação

<sup>80</sup> Idem, p. 258.

<sup>81</sup> ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p.283.

<sup>82</sup> Idem, p.284.



com tradição autocrática, não se identificaram automaticamente com a democracia parlamentar. Chegavam a ver a prática política cotidiana como sórdida. Os alemães tinham se acostumado com a idéia de que precisavam ser conduzidos por um regime autocrático. A submissão a uma autoridade era-lhes recompensadora, pois sentiam que havia uma elite investida de poder e, ao mesmo tempo, do ônus e da responsabilidade para conduzir a nação, tirando-lhes a preocupação de governar. Além disso, havia uma tradição nacional e um padrão de comportamento incorporado na consciência dos alemães que os exortavam a se submeter incondicionalmente à nação em tempos de crise. Em períodos de emergência, o indivíduo sentia-se impelido a dar tudo de si para eliminar os inimigos eleitos da nação, até mesmo sacrificar a própria vida se fosse preciso. Mesmo quando o ideal nacional se revestia de caráter demasiado fantasioso, as pessoas se submetiam incondicionalmente num reforço mútuo. Essa análise da auto-imagem e da consciência nacional alemã serve para explicar a ascensão de Hitler e a aceitação passiva do seu discurso anti-semita por uma massa de alemães, ainda que esse discurso fosse notoriamente uma fantasia. A consciência, as crenças e o ideal alemão eram tradicionalmente autoritários. Hitler encarnava um líder com características correspondentes, pelo culto que fazia da violência. O nazismo foi a radicalização destas formas de crenças.<sup>83</sup>

O nacional-socialismo foi um sistema de crenças que uniu idéias realistas com concepções profundamente fantasiosas. A fantasia de que os alemães pertenciam à elite da humanidade, desde que tivessem as características físicas da “raça ideal”, lisonjeava seu orgulho e criava ampla base ideológica para atrair e seduzir as massas.<sup>84</sup> Tais fatores, embora não determinantes, prepararam caminho para o sucesso do nacional-socialismo em angariar uma massa de adeptos. Diante do sentimento de humilhação com o Tratado de Versalhes e de não identificação com a República de Weimar por parte de muitos alemães, os nazistas ofereceram a crença de que a Alemanha ainda podia ser uma nação poderosa e uma potência imperial que dominaria vastas regiões européias, assim como fizeram os imperadores medievais.<sup>85</sup>

O movimento nazista surgiu num momento em que o sonho do Império, simbolizado pela idéia de Reich, estava ameaçado. O Terceiro Reich desenvolveu uma muito bem equipada e sistematizada máquina de extermínio em massa, tanto no sentido técnico como administrativo. Para realizar de forma organizada e eficaz o assassinato de pessoas em escala

---

<sup>83</sup> Idem, pp.286-305.

<sup>84</sup> Idem, p.331.

<sup>85</sup> Idem, p.356.

industrial foi necessário empregar os métodos mais racionalizados e um burocratizado sistema administrativo. Para isso foi criado o Departamento de Assuntos Judaicos e ao longo da vigência do regime nazista desenvolveu-se uma bem organizada e vasta estrutura de campos de concentração, controlada pela liderança da Gestapo. A racionalização da matança em massa de judeus atingiu seu ponto culminante em 1941, quando se empregaram as câmaras de gás como método mais eficiente do que os fuzilamentos, já que bastava girar uma válvula e matar de uma só vez centenas de pessoas.<sup>86</sup>

Após a II guerra, as pessoas que se sentiam pertencentes a um mundo civilizado se viram perplexas diante do extermínio dos milhões de judeus efetuado e institucionalizado pela máquina estatal de um país industrializado como a Alemanha. Hitler havia posto em prática aquilo que estava no cerne de sua doutrina. No entanto, muitas tentativas de explicar esse fato afirmam que por trás das fantasiosas crenças nazistas havia interesses mais racionais e objetivos mais realistas. Ou seja, as crenças anti-semitas serviam como mera estratégia de propaganda ou uma cortina de fumaça ideológica que escondia outros interesses. Norbert Elias analisa que foi difícil para as elites européias do século XX, tão confiantes nos seus padrões de civilização e racionalidade, acreditar que crenças fantásticas fossem as únicas motivações para os nazistas efetivarem o genocídio. O palavreado fanático anti-semita seria apenas uma arma para atingir o poder. Era preciso acreditar que havia um interesse mais “racional” motivador das medidas tomadas pelo regime nazista. Entretanto, Elias afirma que Hitler deixou bem claro no *Mein Kampf* a sua convicção e seus objetivos. A solução final “era tão-só uma questão de cumprimento de uma crença profundamente arraigada que tinha sido central para o movimento nacional-socialista”.<sup>87</sup> O nazismo foi um movimento assentado numa crença sinceramente sustentada. Hitler acreditava francamente na sua missão messiânica e no empenho dos judeus em destruir o povo ariano-germânico. Os discursos de Hitler e a literatura nazista atestavam, segundo Norbert Elias, o vigor das suas convicções.

## 2. AS ORIGENS DO ANTI-SEMITISMO MODERNO

Hannah Arendt, na análise que fez sobre o anti-semitismo moderno, nos fornece uma esclarecedora compreensão das causas originais desse movimento na Europa, que culminou com a ascensão do nazismo. Segundo a autora, há uma diferença entre o anti-semitismo moderno surgido em fins do século XIX e o anti-semitismo religioso originado na Idade

---

<sup>86</sup> Idem, pp. 271-274.

<sup>87</sup> Idem, p. 277.

Média. O anti-semitismo moderno teve razões políticas e esteve ligado primeiro ao papel que os judeus desempenharam nos séculos XVII e XVIII como financiadores do Estado-nação, e depois à sua condição de grupo social separado da sociedade. Os judeus foram os grandes - e também os únicos - financistas dos governos absolutistas durante aqueles séculos. Na Prússia, famílias judias se tornaram grupos riquíssimos. O preço pela prestação dos serviços financeiros destes judeus ricos era a aquisição de privilégios e liberdades especiais. Os judeus precisavam dos privilégios e da proteção do Estado, porque se conservavam como um grupo à parte, não assimilado pela sociedade. Da mesma forma, o Estado precisava da condição de “sem-território e sem-nação” dos judeus, pois deles dependia para obter seus créditos.<sup>88</sup>

No entanto, a partir do século XIX, a situação se modificou. Com o advento do imperialismo, as classes proprietárias antes alheias aos negócios do Estado, passaram a se aproximar deste e participar dos negócios estatais. Aos poucos, os judeus foram perdendo a posição exclusiva de financiadores do Estado. Hannah Arendt explica que os anti-semitas acusaram os judeus de serem uma força manipulando os governos justamente por causa da sua ligação financeira com estes. Na realidade, os judeus não possuíam ambição política alguma. Eles estavam desligados do poder. O fato de ser o único povo sem Estado próprio fez com que se prestassem a alianças com os governos, independente do que estes governos representassem. Um exemplo bem acabado desse fato se encontra na família de banqueiros Rothschild, que se tornou financiadora de cinco países europeus. Foi justamente nos Rothschild que os anti-semitas encontraram a melhor “prova” para confirmar sua fantasia de um governo judaico mundial. A cooperação financeira desta família com governos distintos forneceu uma eficaz arma de propaganda para políticos anti-semitas.<sup>89</sup>

Um dos argumentos mais utilizados pelos anti-semitas, e veremos isso claramente reproduzido nas idéias de Gustavo Barroso, é o de que os judeus eram um “Estado dentro do Estado”. De fato, os judeus tomados como grupo social, e não político, realmente constituíam um corpo separado dentro da sociedade. Arendt avalia que os judeus, uma vez desprovidos de um solo próprio e conscientes da sua não-assimilação pela sociedade civil, valorizavam muito os laços familiares e as tradições judaicas. O círculo da família era um vínculo mais importante do que a filiação nacional. Assim como a nobreza, os deveres do indivíduo judeu eram determinados pela família e a linhagem. Nos fins do século XIX, esse fenômeno era contrário ao ideal de individualismo burguês das classes médias em ascensão, que lutavam

---

<sup>88</sup> ARENDT, Hannah, *op. cit.*, p.30-33.

<sup>89</sup> Idem, pp.46-51.

contra os conceitos de Família, linhagem e nascimento. O caráter a-nacional e inter-europeu dos judeus, a falta de ambições políticas ao mesmo tempo em que se ligavam aos governos por meio de empréstimos, além da importância primordial que davam aos laços de família, geraram os estereótipos anti-semitas dos judeus como uma organização internacional, “uma firma familiar global com interesses idênticos por toda parte, uma força secreta por trás do trono, que transforma outras forças em mera fachada e vários governantes em marionetes, cujos cordões são puxados por trás do pano.”<sup>90</sup>

Os movimentos anti-semitas modernos surgiram no fim do século XIX e flamejou primeiro na Prússia, justamente quando foi decretada a emancipação dos judeus. A classe média havia ascendido socialmente. Com isso, operou-se uma reforma no Estado-nação prusso que visou eliminar todas as formas de privilégios. Como os banqueiros judeus estavam perdendo gradativamente sua influência nos negócios estatais, ao Estado não interessava mais conceder-lhes privilégios. A abolição dos privilégios só poderia ser dada com o decreto de emancipação. No entanto, a reforma no Estado prusso veio causar revolta na aristocracia, que acabou sendo atingida pela abolição dos privilégios. Foi justamente na nobreza onde primeiro irrompeu o anti-semitismo. Ao se voltar contra o Estado reformador, atacou-se imediatamente os judeus, que eram identificados com este.<sup>91</sup> Arendt afirma ainda que a extensão da cidadania aos judeus provocou ressentimentos na sociedade civil. Como já foi dito anteriormente, a figura do banqueiro judeu foi perdendo espaço e com isso muitos filhos de negociantes judeus penetraram em ocupações intelectuais e culturais. Eles não tinham mais ligação com as tradições judaicas de seus pais.<sup>92</sup> Podemos citar como exemplos desse tipo intelectuais e cientistas como Marx, Freud, Einstein, Franz Kafka.

O anti-semitismo moderno cristalizou-se com o conservantismo reacionário antipatizante da sociedade liberal e do Estado fundamentado nos princípios da Ilustração. Celso Lafer, no prefácio à obra de Hannah Arendt, conclui que a catalisação das tensões em torno dos judeus se deu sob três aspectos: politicamente, porque eles estiveram ligados ao Estado como seus financiadores; historicamente, porque antes da extensão da cidadania se configuraram como grupo à parte, não assimilados pela sociedade civil; socialmente, porque quando foram incorporados à sociedade por meio da idéia de igualdade oriunda da Ilustração, provocaram ressentimentos no âmbito dessa sociedade.<sup>93</sup>

<sup>90</sup> Idem, p.52-54.

<sup>91</sup> Idem, p.56-57.

<sup>92</sup> Idem, pp.82-83

<sup>93</sup> LAFER, Celso. In: ARENDT, Hannah, *op. cit.*, pp.2-3.

A análise de Hannah Arendt acerca das origens do anti-semitismo é capaz de fornecer uma compreensão do discurso dos ideólogos anti-semitas, assim como das distorções nele envolvidas. No Brasil, tivemos o exemplo de Gustavo Barroso, que foi influenciado pelas idéias anti-judaicas do nazismo. No próximo capítulo, veremos como ele reproduziu o mesmo esquema de pensamento do anti-semitismo analisado por Hannah Arendt, segundo o qual os judeus foram vistos como uma organização internacional conspiradora e um “Estado dentro do Estado”. As suas idéias se organizaram de acordo com as premissas básicas do conjunto de idéias defendidas pelo anti-semitismo alemão.

### CAPÍTULO III

#### 1. O ANTI-SEMITISMO DE GUSTAVO BARROSO

Gustavo Barroso nasceu no Ceará e foi filho de uma alemã chamada Anna Dott.<sup>94</sup> Comandou a milícia da AIB, foi membro da Academia de Letras e publicou 128 livros, alguns de caráter histórico e folclórico.<sup>95</sup> Ele trocou correspondências com jornais alemães e argentinos. Recebeu elogios do *Der Sümer* pela sua militância anti-semita, enquanto o argentino *Deustche la Plata* o chamou de o *Fürer* brasileiro. Em 1934, escreveu para um jornal alemão simpatizante do nazismo chamado *Reichwart*, concordando com o anti-judaísmo deste.<sup>96</sup> Em 1940, Gustavo Barroso viajou para a Alemanha nazista, onde artigos seus foram traduzidos e publicados na imprensa. Ele escreveu várias obras em que expunha seus argumentos anti-judaicos. Entre elas, podemos destacar: *Comunismo, cristianismo e corporativismo; Judaísmo, maçonaria e comunismo; Brasil, colônia de banqueiros; Espírito do século XX; Reflexões de um bode; O integralismo e o mundo; O Quarto Império; O Integralismo de norte a sul; Integralismo e Catolicismo*, além da tradução e prefácio dos *Protocolos dos sábios de Sião*.

Em *Judaísmo, maçonaria e comunismo*, livro publicado em 1937, Gustavo Barroso faz referência à vaga de anti-semitismo que ocorria no mundo, nos dando uma confirmação da influência recebida por ele do anti-semitismo que vicejava na Europa, principalmente através do nazismo. Ele defende que não se tratava de uma simples excitação reacionária, e sim que a onda de anti-semitismo nada mais era do que uma “reação instintiva contra a ação nefasta de Israel, o parasita que se quer tornar, através do capitalismo e do comunismo, dono dos destinos humanos”.<sup>97</sup>

Para ele, ainda, as pessoas que acusavam o anti-semitismo de ser racista eram ignorantes e de má-fé. Defendendo o nazismo, ele justificava o racismo germânico não como apenas “um pretexto para a campanha anti-judaica, e sim uma verdadeira doutrina que se eleva mais alto”. Do seu ponto de vista, era uma concepção social, “a consciência de um

<sup>94</sup>ROSE, R. S. *Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e controle social no Brasil (1930-1954)*. São Paulo: Companhia das letras, 2001, p.23.

<sup>95</sup>SOUSA, Francisco Martins de. *Raízes teóricas do corporativismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1999, p. 81.

<sup>96</sup>LEVINE, Robert. *O Regime Vargas: anos críticos (1934-1938)*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980, p.138

<sup>97</sup>BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, maçonaria e comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937, p.9.

povo, no caso o povo alemão, da necessidade de defender e conservar os elementos que o diferenciam dos outros povos”.<sup>98</sup>

Gustavo Barroso defende mesmo que o anti-semitismo no Brasil é anti-racista, visto que o judeu é um povo que não se mistura e busca manter-se puro. Com isso, ele apóia a idéia do povo judeu como representante de um “Estado dentro do Estado”. Os judeus seriam estrangeiros alheios à vida nacional, organizados em colônias israelitas. Manipulariam a imprensa e se infiltrariam no âmbito das organizações financeiras, tentando dominar o comércio e a indústria. Como não estariam ligados aos interesses nacionais, os judeus, para atingir os seus fins, procuravam incitar todo tipo de anarquia, revoluções, revoltas e desajustes políticos nas nações. Dessa forma, Gustavo Barroso relaciona o judaísmo com o comunismo, acusando-os de serem internacionalistas e esfaceladores da Nação. Em *Comunismo, Cristianismo e corporativismo*, o autor define comunismo como a “rebeldia luciferiana” que provocava paixões nas massas injustiçadas, sendo capaz de produzir força trágica. Ele afirma ainda que o comunismo seguia uma doutrina rigorosa e era capaz de todas as formas de conchavos, disfarces e mentiras para atingir o poder. O motor infatigável do comunismo era o “judaísmo internacional na perseguição louca dum plano de domínio mundial sobre as ruínas da civilização cristã”.<sup>99</sup>

Ao mesmo tempo, o judaísmo também é relacionado ao liberalismo, pois na lógica anti-semita do autor, como não estariam ligados aos interesses nacionais e cuidavam apenas dos seus, os judeus tirariam proveito das dissidências partidárias. Por isso, seria conveniente a estes um sistema liberal. Dentro desta ótica, os anti-semitas acreditavam que o liberalismo era um dos instrumentos usados pelas forças secretas do judaísmo para provocar a desunião nacional e o enfraquecimento do Estado. Ainda, segundo Barroso, os judeus exerceriam “ação através do capitalismo internacional”, florescido com o individualismo liberal. O judeu estaria contra a civilização cristã, à sombra da maçonaria.<sup>100</sup>

É interessante observar, no entanto, como a ideologia anti-semita foi capaz de unir duas doutrinas tão antagônicas como o comunismo e o capitalismo liberal - ambas no cerne das polarizações político-ideológicas do Ocidente do século XX- num suposto plano estrategicamente tramado pelo judaísmo internacional, visando atingir seus objetivos de

<sup>98</sup> Idem. pp.9-10. Gustavo Barroso retirou esta última citação de Serpeille de Gobineau, neto do escritor francês do século XIX Arthur de Gobineau, que foi autor da tese da superioridade da raça ariana, pela qual Hitler foi influenciado.

<sup>99</sup> BARROSO, Gustavo. *Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938, pp.12-15.

<sup>100</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, maçonaria e comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937, p.11.

tomada do poder dos governos mundiais. O comunismo, para ele, era fruto do liberalismo burguês. Foi uma criação de intelectuais judeus infiltrados na burguesia após a Revolução Francesa e resultado lógico da liberal-democracia.<sup>101</sup> Ainda com relação à democracia, em *Espírito do século XX*, Gustavo Barroso afirma que esta apóia-se em bases falsas, como os partidos e suas contradições civis, os quais provocariam a luta de egoísmos individuais e divisão dos poderes públicos. Criara-se a mística falsa, a mística democrática, baseada em princípios de falsa liberdade, que produzira uma plutocracia sem alma, uma burguesia civil “casta de negociastas”. Para Barroso, a liberal democracia havia criado uma “Civilização grosseira”. A sociedade liberal-democrática seria filha da Reforma protestante, da Revolução francesa, as quais, segundo ele, teriam produzido guerras civis entre nações e terminaria o seu ciclo com o comunismo.<sup>102</sup> Em outra obra, *Brasil, colônia de banqueiros*, Barroso defende a mesma idéia de que o capitalismo, no Estado liberal-democrático, facilitou a expansão dominadora judaica. Ele é opressor da agricultura e transmutador dos valores morais. Neste livro, o autor fez um levantamento dos empréstimos brasileiros ocorridos entre 1824 e 1934. Segundo ele, a casa *Rothschild*<sup>103</sup> seria a grande financiadora dos empréstimos e afirma que o Brasil, assim como todos os povos, tinha como inimigo o imperialismo judeu, que era desnacionalizador e destruidor de todas as pátrias. Ele conclui então que “depois de libertos de Portugal, passamos a um jugo pior: fomos transformados em colônia da casa bancária judaica Rotschild, em colônia do super-capitalismo internacional, que não tem pátria e como que obedece a leis secretas de aniquilamento de todos os povos.” Com isso, ele crê que fomos vendidos ao que chama de “judaísmo corruptor que é possível a um mero agente de banqueiros hebreus”.<sup>104</sup>

O bolchevismo, por sua vez, era visto como resultado final de um caminho traçado pelo liberalismo e o capitalismo, sendo que estes sistemas nada mais eram que estratégias utilizadas por uma força maior, o judaísmo, visando pôr em prática seu projeto de domínio

<sup>101</sup> BARROSO, Gustavo. *Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938, p.20.

<sup>102</sup> BARROSO, Gustavo. *Espírito do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, pp.10-13 e pp.30-32.

<sup>103</sup> Rothschild foi uma rica família de banqueiros judeus, cuja casa bancária foi fundada por Meyer Amschel Rothschild e que serviu inicialmente como financista do Império Austro-húngaro no século XIX. Segundo Hannah Arendt, a princípio os Rothschild residiram no centro urbano alemão de Frankfurt, mas a casa bancária se desenvolveu e se internacionalizou tão extraordinariamente que os cinco filhos de Rothschild se estabeleceram nas cinco grandes capitais financeiras européias como Frankfurt, Paris, Londres, Nápoles e Viena, passando a fazer empréstimos aos respectivos governos. Ver ARENDT, Hannah. *Origens de totalitarismo: Anti-semitismo, instrumento de poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1975, pp.49-50.

<sup>104</sup> BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934, pp.14-20 e p.95.



mundial. Gustavo Barroso cita o exemplo de uma suposta sociedade chamada Braz-cor, composta de vários judeus que teriam sido presos por terem ligação com o movimento comunista de 1935 no Brasil. Por isso, Barroso dava a si mesmo a incumbência de esclarecer o povo brasileiro, através da doutrina integralista, “contra o perigo que o judeu representa.”<sup>105</sup> É dessa maneira que Barroso procura, ao longo de sua obra, justificar a culpabilidade dos judeus pela crise mundial.

Na década de 1930, como já mostrado, muitos judeus estavam fugindo do nazismo e procurando asilo em outros países. Gustavo Barroso elogiou a Argentina, porque segundo ele, este país estava barrando a entrada de “israelitas”, enquanto condenava o Brasil, pois de acordo com palavras suas, “a vermina judaica nos invade e se cria sério problema para o futuro”.<sup>106</sup> Na crença de Gustavo Barroso, o resultado final seria que mais cedo ou mais tarde os judeus expatriados que ele chama de “vermina judaica” poriam as “manguinhas de fora”.<sup>107</sup> No entanto, ele repete a sua afirmação de que, apesar de admirar Hitler, achava que o *fürer* cometia um erro ao preconizar um anti-semitismo em termos racistas. Barroso defendia que os judeus é que eram racistas por se verem como o povo eleito e superior. Por isso o anti-judaísmo, segundo Gustavo Barroso, era mesmo um combate anti-racista.<sup>108</sup> Vejamos o que ele diz a respeito disso em outra obra:

“O Estado Integralista é profundamente cristão, Estado forte, não cesariamente, mas Cristãmente, pela autoridade moral de que está revestido e porque é composto de homens fortes. Alicerça-se na tradição da unidade da pátria e do espírito de brasilidade. Combate os judeus, porque combate os racismos, os exclusivismos raciais, e os judeus são os mais irredutíveis racistas do mundo.”<sup>109</sup>

Para corroborar sua teoria da influência judaica nas atividades comunistas, no capítulo intitulado “Quem será o Lenine brasileiro?”, Barroso afirma que o Partido Comunista russo enviou um embaixador judeu chamado Moisés, com o pseudônimo de Marcel Rosenberg,

<sup>105</sup> BARROSO, Gustavo. *Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938, p.21. Barroso cita nomes de prováveis judeus envolvidos no Levante de 1935 para corroborar sua tese. Entre eles, ele cita nomes de uns tais David, Rachaides, os quais seriam mestres de Luís Carlos Prestes; Harry Berger e a própria Olga Benário, que ele chama de “judia companheira e fiscal de seus atos mais íntimos”, referindo-se ao envolvimento de Olga e Prestes..

<sup>106</sup> Idem, p.24.

<sup>107</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, maçonaria e comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937, p.24.

<sup>108</sup> Idem, pp.25-26.

<sup>109</sup> Idem, *O Integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936, p. 17.

para criar uma embaixada dos soviets na Espanha e de lá conclamar todos os comunistas do mundo a apoiar a Frente Popular Espanhola.<sup>110</sup>

Com relação ao Brasil, o autor acusa a ANL de ser uma aliança manobrada pela Internacional dos Sovietes. A ANL seria responsável pela união do Partido Comunista com operários e camponeses, os quais eram incitados à revolta. A Aliança Nacional Libertadora seria também responsável pelas greves que vinham ocorrendo no país. De acordo com a visão de Gustavo Barroso, estes acontecimentos estavam atrelados à “obra de Moscou”, que lutava contra o fascismo.

Para o autor, o comunismo na França havia começado com a Revolução Francesa. Assim, ele atribui a Trotski, a quem chama de “Corifeu da revolução”, a autoria de artigos subversivos escritos livremente na imprensa francesa, espalhando suas idéias comunistas, porque os jornais eram dominados por judeus. De acordo com ele, o próprio Trotski teria afirmado que o comunismo iniciou-se com a Revolução Francesa.<sup>111</sup>

Gustavo Barroso utiliza em muitos trechos de sua obra uma linguagem apaixonada e extremista ao caracterizar, de maneira generalizada e estereotipada, os judeus como povo manipulador, o que nas palavras do autor significa uma “força satânica prestes a dominar o mundo”<sup>112</sup>, organizada secretamente nos bastidores dos governos e das instituições - estes por sua vez seriam meras marionetes nas mãos de judeus poderosos - para destruir a civilização cristã, dominar todos os povos e implantar um Estado ateu. Ao seu pensamento ele dá em certos momentos a aparência de que prevê uma verdadeira catástrofe e é bem possível que o autor tenha utilizado uma linguagem tomada de exageros para convencer, o que para ele significava alertar, o leitor da “veracidade” de suas crenças. Vejamos mais alguns fragmentos transcritos de sua obra:

“Os comunistas procedem a agitações de técnica judaica ou soreliana.

(...)

“A pólvora está preparada para explodir à primeira fâsca. As conseqüências de uma parede geral que se articule por dias podem ser incalculáveis.

(...)

---

<sup>110</sup> Idem, pp.35-40.

<sup>111</sup> Idem, pp.52-54.

<sup>112</sup> Idem, *Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938, p.33.

“Ao mesmo tempo, a Komintern desencadeia uma ação direta na África do Norte, enquanto o grande centro comunista judaico de Estraburgo desvia a atenção do povo francês para o lado da Alemanha com perigosíssimas intrigas.”<sup>113</sup>

Na visão dele, a França estava prestes a sofrer o mesmo que a Espanha, que naquele momento era palco de agitações comunistas e anarquistas. Barroso, enfim, exalta a Itália de Mussolini e a Península Ibérica, que com o esforço de Franco, lutavam para deter a ameaça “moscovita”.

Aos judeus foi atribuído um caráter desnacionalizado. Gustavo Barroso acreditava numa “União judaica universal”, em que os judeus não se reconheciam em nenhuma nacionalidade e pretendiam ser imutavelmente judeus. O catolicismo e a civilização cristã eram seus inimigos. Partindo daí, ele volta a afirmar que capitalismo e comunismo eram meros instrumentos usados pelos judeus para concretizar seu plano de dominação. Acusa primeiro o capitalismo, porque este se baseia na especulação e nos empréstimos de banqueiros quase todos judeus; pela concentração de riqueza nas mãos de “israelitas”; pela destruição da pátria pelo cosmopolitismo e internacionalismo; pela desagregação da Família e a escravização das massas, que eram atraídas para o comunismo, que nada mais era que um “arauto” do capitalismo, uma continuação deste. O comunismo era, para o autor, uma doutrina judaica, já que foi criado pelo judeu Karl Marx. Gustavo Barroso defendia ainda que o Estado Russo era um Estado judaico, onde o anti-semitismo foi proibido por Lênin num decreto de junho de 1918. O autor declara ainda que os grandes chefes marxistas eram descendentes de judeus ou casados com elementos judeus. Segundo ele, o fato de o próprio Stalin ser casado com uma judia era prova cabal dessa ligação.<sup>114</sup>

Para o escritor Gustavo Barroso, o judaísmo era uma força poderosa e total que estava por trás de grandes acontecimentos da História, atuando nos bastidores dos regimes de Governo, manipulando a Imprensa e criando doutrinas que visavam destruir os alicerces da civilização cristã. Até mesmo a Religião Islâmica, vista como uma inimiga do cristianismo, funcionava como parte desses planos judaicos. Em *Reflexões de um bode*, ele declara que o Islamismo “foi uma criação judaica, destinada a atacar política e militarmente a cristandade,

---

<sup>113</sup> Idem, pp.55.

<sup>114</sup> BARROSO, Gustavo. *Judaísmo, maçonaria e comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937, pp.60-61.

do mesmo modo que foi outra criação judaica o arabismo, para o ataque à Igreja no campo filosófico e no campo religioso.”<sup>115</sup>

Diante da sua fervorosa convicção no mito da conspiração judaica universal, Gustavo Barroso pretendia mostrar-se como um homem auto-incumbido de uma missão capaz de abrir os olhos dos brasileiros para o perigo representado pelo judeu. Às críticas que lhe foram feitas, acusando-o de racista e intolerante, ele rebatia chamando estes brasileiros de mal-avisados, e “lamentavelmente ignorantes em assuntos judaicos”. Segundo ele, foi o Integralismo quem o tornou anti-judaico. O primeiro contato que teve com a edição francesa dos “Protocolos dos sábios de Sião” foi feito através de um colega integralista chamado Madeira de Freitas.<sup>116</sup>

Para Gustavo Barroso, a doutrina integralista lhe dava as bases para o combate ao judaísmo. Ele cita o 2º item do Manifesto de 1932, no qual se afirma que “o Brasil não realizará a União íntima de seus filhos se ainda houver Estado dentro do Estado”. Para Barroso, esse Estado dentro do Estado de que fala o Manifesto era um organismo judaico chamado Kahal. Como para o integralismo os elementos morais da nacionalidade são a Religião e a Família, o “Povo de Israel” e a “Raça de Jacob” eram, na sua visão, elementos contrários a estes princípios. Baseando-se também no 2º item das Diretrizes Integralistas que recomendavam o combate aos grupos financeiros de Londres e Nova Iorque, ele alega serem estes representados pelas organizações judaicas internacionais, que asfixiavam a lavoura, as indústrias e o comércio nacionais.<sup>117</sup>

Anunciando o integralismo como um movimento regenerador, Gustavo Barroso proclama que a revolução que se pretende operar no Brasil não é uma revolução armada, nem parlamentar, nem social, como o golpe comunista de 1935, que foi apoiado pelas forças judaicas. Segundo o autor, o integralismo configura-se como uma revolução espiritual, que transformaria o pensamento brasileiro, salvando o povo do “parasitismo” em que este se encontrava, “gasto pela exploração capitalista” e corrompido pelo liberalismo. O integralismo realizaria uma obra educacional, do Espírito para pôr em prática o Estado Integral. Sua base espiritual, na qual Deus dirige os destinos dos povos, seria base de uma hierarquia espiritual.<sup>118</sup>

<sup>115</sup> Idem. *Reflexões de um bode*. 2 ed. Rio de Janeiro: ABC, 1937, p. 153.

<sup>116</sup> Idem, pp.161-162.

<sup>117</sup> Idem, pp.163-165

<sup>118</sup> Idem, pp.168-170.

Com isso, o integralismo foi definido pelo autor como um movimento político e social cristão, alicerçado no cristianismo e suas doutrinas sociais. O Estado Integral, baseado no catolicismo, acabaria com o Estado leigo, obra dos judeus-maçons. Para Barroso, a Igreja possuía o direito de intervir nas questões públicas e os católicos não poderiam ficar indiferentes ao que ele chama de “amoralismo político do liberalismo”. A Igreja Católica seria uma aliada do Integralismo para instituir um governo acima das desordens partidárias e da influência dos internacionalismos.<sup>119</sup>

Numa luta entre o Bem e o Mal, o integralismo ajudaria a tirar a Humanidade da Era do culto ao Ídolo Capital, que resultou no materialismo, uma sociedade sem Deus e anti-cristã. Para Barroso, os judeus eram os “sacerdotes do Capital”, os fundadores dessa sociedade amoral. Os Rothschild seriam os sugadores parasitas dos impostos produzidos por brasileiros pobres. O autor denuncia que “os povos estão todos escravizados ao capital internacional e a seus sacerdotes. O Integralismo tem como dever nacionalista combater os sacerdotes judaicos do capital.” Citando novamente “Os protocolos dos sábios de Sião”, ele se refere a trechos nos quais os judeus afirmam ter imbecilizado a juventude cristã com suas teorias modernas ensinadas nas escolas, pois os judeus estariam infiltrados até mesmo no ensino.<sup>120</sup>

Do ponto de vista de Gustavo Barroso, o integralismo surgiu para travar uma luta contra a desagregação da Família, a base da sociedade cristã. Essa desagregação, era segundo ele, produto do materialismo marxista e do judaísmo. Para o autor, o marxismo era contra a crença no Ser Supremo, incitador da promiscuidade, do amor livre, de valores anti-naturais, pois a Família era uma instituição natural presente nas sociedades mais organizadas. Era uma obra de Deus e, portanto, primordial no Cristianismo. Diante disso, a Santa Sé condenava a maçonaria, que preparava os povos para os planos judaicos com as idéias liberais “destruidoras dos lineamentos da ordem social.”<sup>121</sup>

Mais uma vez ele cita “Os protocolos”, sempre usados por ele como um documento comprobatório da existência de um “governo oculto de Israel”. Os *Protocolos* seriam um agente preparatório com o qual a conspiração judaica estabeleceria sub-repticiamente sua dominação sobre o mundo Ocidental.

<sup>119</sup> Idem, *Integralismo e Catolicismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: ABC, 1937, pp. 11-14.

<sup>120</sup> Idem, pp. 23-30.

<sup>121</sup> Idem, pp. 78-81.

O autor segue atacando a maçonaria, como uma sociedade secreta que “protege e esconde o Poder Oculto Internacional” do judaísmo. A conspiração judaico-maçom era, na sua visão, uma conspiração permanente contra o mundo cristão.<sup>122</sup>

De acordo com Gustavo Barroso, os movimentos de independência que ocorreram no Brasil, em 1789 com a Inconfidência Mineira; em 1794 no Rio de Janeiro; em 1798, com a Revolta dos Alfaiates na Bahia; a revolução de 1817 e a proclamação da Independência tiveram a ação da maçonaria, sob o domínio secreto do judaísmo. A sua ação continuaria na Confederação do Equador e nas revoltas do período regencial, como a Cabanada, a Sabinada, os Farrapos e a Balaiada. Todas elas foram obras do judaísmo para abalar o Império e esfacelar os reinos católicos de Portugal e Espanha, segundo o autor “os dois maiores inimigos do judaísmo”. Implantada a República, Barroso declara que os judeus teriam conseguido levar adiante seu “projeto diabólico” de promover as lutas dos estados e as guerras civis, porque, segundo ele, o sistema republicano era ideal aos planos judaicos para atingir seus fins.<sup>123</sup>

O autor passa uma visão de um mundo contemporâneo mergulhado numa catástrofe. Segundo ele, o crime reinava, muito mais que outrora, nos dois países “representativos dos dois extremos judaicos do mundo moderno – o capitalismo e o comunismo: Estados Unidos e Rússia.” Ele fala da fome reinante nos diversos cantos do mundo, das milhões de pessoas famintas na Ásia, América e China, “vítimas de uma economia anti-cristã”.<sup>124</sup>

Dessa forma, o autor critica os valores da sociedade calcada nos princípios do liberalismo, no qual, para ele, havia morrido a fé e a espiritualidade e se instalado o materialismo e os “maquinismos” soviéticos e capitalistas. Ele elogia a Idade Média, porque esta punia os criminosos severamente com suas salas de torturas, e condena as Leis criadas pelo liberalismo, porque não impunham suplícios, embora os policiais o fizessem sem autorização.<sup>125</sup>

Ele critica ainda a liberdade dada à magia e a cartomancia, os pais de santos que agiam livremente colocando anúncios nos jornais e os curandeiros que não eram perseguidos. Para Barroso, a sociedade liberal e descristianizada havia permitido estes “absurdos”, num mundo tomado pelo caos.

<sup>122</sup> Idem, pp. 82. Barroso acreditava que já desde o Império Romano, os judeus possuíam um governo oculto. Ele revela que a maçonaria surgira na França do século XVII, no reinado de Luís XV. Em Portugal surgiu na era do marquês de Pombal, onde os maçons eram quase todos cristãos- novos, ou judeus convertidos. No Brasil, ele afirma que as lojas maçônicas datam dos últimos tempos do período colonial.

<sup>123</sup> Idem, pp.84-85.

<sup>124</sup> Idem, p.88.

<sup>125</sup> Idem, pp.89-90.

Daí, o Integralismo, assim como os fascismos espalhados em outros cantos do mundo, surgia como um redentor deste mundo caótico. O movimento desejava um “Governo moralmente forte para combater essa calamidade geral”.<sup>126</sup> Na sua missão regeneradora, o Integralismo viria para eliminar os partidos geradores de lutas civis, as sociedades secretas anti-cristãs (leia-se o judaísmo), o comunismo, o materialismo e o ateísmo. O movimento do Sigma arrancaria o homem de sua submissão ao capital, salvando o povo da pobreza provocada, segundo ele, pelo “Bezerro de ouro do judaísmo sem pátria, manobrador de bolsas e de empréstimos.” Barroso afirmava, então, que a religião católica era uma colaboradora do projeto integralista, visto que ambos convergem na defesa das tradições da civilização cristã, “tão ameaçadas pela decadência do liberalismo e pela pregação comunista.” Ainda, de acordo com o autor, a Igreja Católica deveria olhar para o Integralismo como um grande defensor dos princípios sociais que formam a base da vida cristã. O integralismo combatia as doutrinas materialistas; afirmava Deus; preconizava a ordem, a hierarquia e a disciplina; declarava a primazia do Espírito da Moral e reconhecia o acordo entre Igreja e Estado. Por isso para Gustavo Barroso os princípios do Integralismo podiam se fundir à doutrina social católica.<sup>127</sup>

## 2. GUSTAVO BARROSO E OS PROTOCOLOS DOS SÁBIOS DE SIÃO

Segundo Maria Luíza Tucci Carneiro, *Os protocolos dos Sábios de Sião* são um dos “maiores blefes da História”. De acordo com a autora, o documento foi escrito no século XIX por um funcionário da polícia secreta czarista da Rússia chamado Sérgio Nilus, no qual se forjava um projeto de dominação mundial atribuído aos judeus. Tal dominação seria efetivada por meio da imprensa e dos governos. A obra foi publicada pela primeira vez em 1903 na Rússia. Em 1935, um tribunal da cidade de Berna, na Suíça, comprovou definitivamente que *Os protocolos* não eram autênticos.<sup>128</sup> De acordo com Carlo Ginzburg, em 1921 os *Protocolos* foram identificados com uma obra publicada em 1864, que teria sido a sua fonte. O livro chamado *Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu* foi escrito por Maurice Joly e parece ter ficado esquecido até ser redescoberto na década de 1920. Neste livro o autor mostra um diálogo fictício entre Montesquieu e Maquiavel. Maurice Joly queria fazer uma crítica à política do imperador francês Napoleão III ao representá-lo como o Maquiavel dos *Diálogos*. No diálogo que trava com Montesquieu, o Maquiavel de Joly nega o direito e afirma que o tipo de governo adequado seria um despotismo que desgastasse a imprensa por

<sup>126</sup> Idem, p.91.

<sup>127</sup> Idem, pp.99-113.

<sup>128</sup> CARNEIRO, Maria Luíza Tucci, *op. cit.*, pp.60-61.

meio da própria imprensa, que manipulasse o parlamento e criasse uma oposição de fachada. A forma de despotismo moderno exposto pelo Maquiavel imaginário incluiria liberdade de imprensa e eleições.<sup>129</sup> *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, que parecem ter se inspirado na obra de Joly, se espalharam pelo mundo depois da Revolução Russa. Em 1921, o jornalista do *Times*, Philipe Graves, demonstrou que *Os Protocolos* eram uma falsificação, pois muitos de seus fragmentos plagiavam trechos da obra de Joly. Graves teve contato com fontes que confirmavam a ligação entre os textos, como um russo chamado Mikhail Raslovlev. Há um trecho dos *Diálogos* de Joly em que Maquiavel fala: “como Vishnu, a minha imprensa terá cem braços”. Já num trecho dos *Protocolos*, os Sábios de Sião dizem de forma semelhante: “como o ídolo indiano Vishnu, teremos cem mãos”. Quem escreveu *Os Protocolos* copiou as mesmas estratégias de controle social descritas pelo Maquiavel de Joly para atribuí-las aos Sábios de Sião. O plagiador não teve nem o cuidado de substituir a metáfora do deus Vishnu.<sup>130</sup>

A redação dos *Protocolos* deve ter nascido como resultado da onda de panfletos anti-semitas que se disseminaram no final do século XIX. Alguns anti-semitas franceses tiveram contato com o *Diálogo no Inferno entre Maquiavel e Montesquieu*, entre os quais Édouard Drumont, que foi colega de Joly. Segundo Ginzburg, o Maquiavel de Maurice Joly fala sempre em primeira pessoa, descrevendo minuciosamente suas estratégias políticas. Esse personagem que pretendia modelar a sociedade de acordo com seus interesses serviu de modelo para a composição dos *Protocolos*. Os que forjaram este documento copiaram a mesma idéia, substituindo o Maquiavel pela seita judaica.<sup>131</sup>

Mesmo se tratando de uma mentira comprovada, os nazistas utilizaram largamente esta falsificação como livro-texto para fins de doutrinação e propaganda ideológica.<sup>132</sup> Gustavo Barroso também se utilizou bastante desta obra, que foi traduzida e prefaciada por ele, sendo editada no Brasil pela primeira vez em 1936. No prefácio dos *Protocolos*, Gustavo Barroso se mostra indignado e não convencido da falsidade do documento. Ao longo de todo prefácio, ele tenta convencer que o documento é autêntico e que o veredicto que confirmou a sua falsidade foi manipulado pelos judeus. Nesse caso, segundo Barroso, a sentença do

<sup>129</sup> GINZBURG, Carlo. Representar o inimigo – Sobre a pré-história dos *Protocolos*. In: \_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Companhia das Letras: São Paulo, 2007, pp. 189-198.

<sup>130</sup> Idem, pp. 200-203.

<sup>131</sup> Idem, p. 209.

<sup>132</sup> ARENDT, Hannah. *Origens de totalitarismo: Anti-semitismo, instrumento de poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1975, p.18.



tribunal é que era falsa e não *Os protocolos*. Na sua visão, os judeus queriam esconder a verdade, porque o documento revelava ao mundo os seus “tenebrosos planos”.<sup>133</sup>

Como em sua visão de história Gustavo Barroso creditava todos os grandes acontecimentos mundiais à ação dos judeus, ele crê que nos *Protocolos* estão “prenunciados” a Grande Guerra e o desemprego dela decorrente. Ou seja, para ele a Primeira Guerra e a crise mundial eram as provas reais da autenticidade daquele documento, pois já se encontravam, de antemão, anunciadas nele como parte do plano judaico para desestabilizar a Civilização Ocidental. Nos protocolos haveria alusão às guerras do século XX, o que segundo Barroso, “foi preparado pelos judeus”.<sup>134</sup>

Barroso faz alusão também a supostos documentos que confirmariam a veracidade da sua convicção no plano judaico de dominação mundial. Ele menciona, no prefácio dos “Protocolos”, a existência de uma suposta carta de um judeu chamado Baruch Levy a Karl Marx, na qual aquele afirma que o povo judeu atingirá o domínio universal e uma República universal, governada por “Filhos de Israel”, será fundada.<sup>135</sup> Porém o maior argumento usado por ele para desacreditar a confirmação da falsidade dos Protocolos é o de que tanto o Tribunal de Berna como toda a imprensa foram manipulados e comprados pelos judeus. Na visão de Barroso, os judeus estavam infiltrados nos veículos de propaganda e nas mais diversas instituições da sociedade. Segundo ele, os peritos que comprovaram a falsidade do documento foram indicados por judeus e estes compraram todas as testemunhas. A imprensa, também um instrumento nas mãos de judeus, apenas divulgava aquilo que fosse favorável a eles.<sup>136</sup>

Para Gustavo Barroso, os “tenebrosos planos de Israel” de conquista do mundo, contidos nos Protocolos, conseguiram realizar muitas de suas predições. Ele dá o exemplo do comunismo, que tentou tomar o mundo de assalto e era “o coroamento da obra judaica”, mas graças a ação de Hitler e Mussolini, a civilização cristã fora advertida. Barroso justifica ainda que “o anti-judaísmo abrolhou por toda a parte como uma reação defensiva natural e necessária.” E volta a insistir nas suas acusações de que os judeus despenderam grandes quantias para corromper o Tribunal de Berna e manipular a imprensa, que segundo ele teria exultado com a vitória judaica. Ele afirma ainda que a magistratura era composta por

<sup>133</sup> BARROSO, Gustavo. “O grande processo de Berna sobre a autenticidade dos Protocolos”. In: *Os protocolos dos Sábios de Sião*. 3 reed. Porto Alegre: Revisão, 1989, p.58.

<sup>134</sup> *Idem*, p.54.

<sup>135</sup> *Idem*, p.56.

<sup>136</sup> *Idem*, pp.57-58.

elementos marxistas e, portanto, a sentença já estava decidida de antemão.<sup>137</sup> Na visão de Barroso, todo esse suposto esforço judaico para provar a falsidade dos Protocolos reside no fato de que os judeus precisavam camuflar o seu plano de dominação e destruição da civilização cristã, já que este documento era a prova mais completa e autêntica desse plano .

Aos lermos alguns trechos dos Protocolos, podemos perceber que estão impregnados das idéias e estereótipos que sempre foram atribuídos aos judeus. Os personagens judeus inventados como autores da obra se auto-definem como pessoas sem ética, ambiciosas e amorais. Há uma passagem no primeiro capítulo dos Protocolos em que os imaginários autores judeus apregoam a substituição do poder dos governos pelo poder do ouro. Há ainda outro trecho em que a este grupo de judeus conspiradores são atribuídas estas palavras:

“A política nada tem de comum com a moral. O governo que se deixa guiar pela moral não é político e, portanto, seu poder é frágil. Aquele que quer reinar dever recorrer à astúcia e à hipocrisia. As grandes qualidades populares – franqueza e honestidade – são vícios na política, porque derrubam mais os reis dos tronos do que o mais poderoso inimigo. Essas qualidades devem ser os atributos dos reinos cristãos e não nos devemos deixar guiar por elas.”<sup>138</sup>

Em outras passagens, a organização judaica da obra se refere ainda ao liberalismo como o fragilizador dos governos e os povos são vistos como uma força cega que não pode ficar um dia sem uma guia. Ainda neste capítulo, pretende-se passar a imagem de que ao tomar o poder, o judaísmo exerceria um governo despótico, baseado na violência e na hipocrisia. O mesmo lançaria mão, se preciso fosse, da corrupção e da traição. Os homens são retratados como escravos das divisões dos partidos. Diante disso, e em virtude da fragilidade dos governos, o poder dos judeus seria mais duradouro e tirânico do que qualquer outro, a ponto de nenhuma astúcia poder derrubá-lo. No seu plano de governo, os judeus inaugurariam uma era de condenações à morte para obrigar os povos à obediência cega. Há também uma menção aos termos Liberdade, Igualdade e Fraternidade, numa nítida ligação entre judaísmo e maçonaria. No entanto, estas palavras nada mais seriam que iscas usadas pelos judeus para “destruir a prosperidade do mundo”, para atrair legiões de homens, sem saberem que estas palavras “eram vermes que roíam a prosperidade dos não-judeus, destruindo por toda a parte a

<sup>137</sup> *Idem*, p.60.

<sup>138</sup> *Os protocolos dos Sábios de Sião*. 3 reed. Porto Alegre: Revisão, 1989, p.74.

paz, a tranquilidade, a solidariedade, minando todos os alicerces dos seus Estados.”<sup>139</sup> Em outro fragmento, anunciavam categoricamente o seguinte:

“posso hoje anunciar-vos que estamos perto do fim. Ainda um pouco de caminho e o círculo da Serpente simbólica que representa nosso povo, será encerrado. Quando esse círculo se encerrar, todos os Estados estarão dentro dele fortemente emoldurados. O equilíbrio constitucional será em breve destruído, porque o temos falseado, a fim de que não cesse de inclinar-se para um lado e outro até gastar-se completamente.”<sup>140</sup>

Com relação às guerras, a seita judaica diz que estas serão transportadas para o terreno econômico. A força de sua supremacia seria mostrada às nações e os seus agentes internacionais as vigiarão. Os direitos internacionais judaicos apagarão os direitos nacionais. Os administradores do Estado seriam escolhidos entre o povo, como meros peões dos conselheiros e negociantes judeus.<sup>141</sup>

Ao longo da obra vemos a presença de termos como poder, ambição, hipocrisia e exaltações à franco-maçonaria, como atribuições dadas a si mesma por essa seita judaica. Os judeus são retratados o tempo todo como confabuladores “diabólicos” que manipulam a imprensa para confundir os cristãos, fomentando “ódios e discórdias por todo mundo”. O comunismo foi uma arma inventada para mistificar, embrutecer e corromper a mocidade.<sup>142</sup>

Podemos perceber, com isso, que “Os Protocolos” têm todas as características e estereótipos dos argumentos anti-semitas. O seu conteúdo é, no mínimo, algo fantasioso demais por tentar mostrar como verossímil um projeto de domínio mundial por parte de uma seita de judeus maquiavélicos que se auto-proclamam hipócritas, imorais, ambiciosos, anti-éticos e manipuladores, cujo símbolo era uma serpente que representava a traição. Mas mesmo assim, funcionou como um poderoso panfleto para argumentos anti-semitas como os de Gustavo Barroso. Ele usou constantemente essa falsificação nas suas obras para mostrar uma visão distorcida da história que colocava os judeus no centro dos acontecimentos, acreditando piamente numa conspiração mundial por parte daqueles, e na sua infiltração nos mais diversos âmbitos da vida política e social. Através das obras deste autor utilizadas nesta monografia, percebemos que ele tem uma visão deturpada de um mundo à beira de uma

---

<sup>139</sup> *Idem*, pp.76-77.

<sup>140</sup> *Idem*, p.83.

<sup>141</sup> *Idem*, p.79

<sup>142</sup> *Idem*, p.103.

catástrofe e que via ameaça e maquiavelismo judaico em tudo. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, mesmo se tratando de uma farsa, foi uma arma de propaganda ideológica utilizada inclusive pelo regime nazista, que usou o terror como instrumento para a realização de uma ideologia específica, fazendo do problema judaico o motor de toda a estrutura organizacional do Terceiro Reich.<sup>143</sup>

Gustavo Barroso reproduziu as idéias centrais do anti-semitismo europeu, ao conceber o povo judeu como um “Estado dentro do Estado” que visava realizar um projeto de dominação mundial. A concepção essencial dos judeus como responsáveis pelos principais acontecimentos históricos, desde as guerras e as revoluções até o seu papel na construção do marxismo e do liberalismo, estão no escopo das idéias deste autor. De uma maneira fanática e globalizante, Gustavo Barroso trasladou para os acontecimentos da história do Brasil a obsessão pela idéia de uma ação sub-reptícia judaica. Como vimos, ele não poupava o uso de termos pejorativos e estereotipados, como “vermina”, “parasitas” ou “casta de negociastas”, para se referir aos judeus. Gustavo Barroso reduziu os problemas brasileiros, e também mundiais, à idéia da submissão econômica aos banqueiros judeus e da corrupção política feita pelo liberalismo e pelo marxismo, pois ambos seriam doutrinas inventadas pelo judaísmo para destruir as nações. A idéia fixa em um governo oculto judaico-maçon agindo nos mais diversos âmbitos da sociedade, torna sua visão de história simplista, e ao mesmo tempo fantástica. Barroso tinha também a visão apocalíptica de um mundo corrompido e mergulhado no caos, e que só um regime antidemocrático e autoritário poderia salvar. Para Gustavo Barroso era o integralismo quem tiraria o Brasil das garras da judaico-maçonaria. A idéia da grande firma familiar judaica, desnacionalizadora e manipuladora dos governos e da imprensa, é uma repetição dos argumentos anti-semitas surgidos no século XIX cristalizados pelo nazismo. O que diferencia o anti-semitismo de Barroso do nazismo, é que ele não fala em termos de raça ou sangue e chega a criticar o racismo alemão. Outra diferença que podemos encontrar entre o anti-semitismo de Barroso e o nazismo é que este último não menciona nem professa uma parceria com a religião cristã. O nacional-socialismo alemão foi um movimento político e pode-se mesmo dizer que a sua ideologia assumiu os aspectos de uma religião laica, tanto pelo caráter dogmático, como pela forma de doutrinação exercida sobre as massas. Como afirmou Nobert Elias, era preciso governar e disciplinar por meio de uma crença social. O uso de uma nova religião social foi uma forma de sujeitar uma maioria e

---

<sup>143</sup> ARENDT, Hannah. *Origens de totalitarismo: anti-semitismo, instrumento de poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1975, pp.23-26.

manter o domínio sobre a mesma.<sup>144</sup> No entanto, os argumentos principais e os estereótipos utilizados por Gustavo Barroso, em geral, podem ser vistos como o mimetismo de uma ideologia anti-semita importada que ele incorporou a seu catolicismo. As suas concepções estavam mais voltadas para os aspectos econômicos e políticos da ação judaica, ligando-os sempre a imagem de usurários, conspiradores, desnacionalizados, além de estarem atrelados ao comunismo e ao liberalismo.

Como analisou Hannah Arendt, esses argumentos tiveram sua origem nas próprias relações que os judeus tiveram com o governo e com a sociedade. Gustavo Barroso seguiu o mesmo esquema de pensamento do anti-semitismo europeu. *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, que foram usados como panfleto e livro texto no nazismo, também serviram de base para o autor brasileiro defender suas convicções.

A crença numa conspiração judaica mundial desafia o bom senso não só por seu caráter fantasioso, mas também pela visão simplista e deturpada da história ao colocar um único povo no seu centro. Como disse Hannah Arendt, “não existe aspecto mais irritante e mais mistificador do que o fato de, entre tantas questões políticas vitais, ter cabido ao problema judaico, aparentemente insignificante e sem importância, a duvidosa honra de pôr em movimento toda uma máquina infernal. Tais discrepâncias entre a causa e o efeito constituem ultraje ao bom senso.”<sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> ELIAS, Nobert, *op.cit.*, p.332.

<sup>145</sup> Idem, p.22.

## CONCLUSÃO

Vimos que a década de 1930, situada entre as duas guerras mundiais, foi um período de crises e transformações sociais e políticas na Europa que não deixaram de exercer influência no Brasil. Depois da I Guerra Mundial, a maioria dos países adotaram o regime constitucional e parlamentar. No entanto, o triunfo da liberal-democracia foi efêmero. Assistiu-se ao rápido crescimento do fascismo, um movimento autoritário que atacava a democracia, pregava a violência e combatia o comunismo. O Tratado de Versalhes revoltou os países perdedores da I Guerra, que buscariam mais tarde sua revanche na segunda conflagração mundial. A Alemanha, um dos países mais atingidos pelas punições do Tratado, enfrentou uma séria crise econômica e social. O movimento nacional-socialismo, encabeçado por Hitler, cresceu no ambiente de crise e de desilusões. Através de uma campanha nacionalista, racista e anti-semita o nazismo conseguiu atingir o poder. Assim, o Terceiro Reich organizou toda uma estrutura política e administrativa voltada para a perseguição dos judeus.

Neste mesmo período, Plínio Salgado fundava o integralismo no Brasil, um movimento de massas nos moldes do fascismo italiano. Já Gustavo Barroso, o chefe das milícias integralistas, foi influenciado pelo modelo nazi-fascista. Suas idéias foram importadas do anti-semitismo em voga na Alemanha nazista.

Gustavo Barroso adotou em sua obra termos como “parasitas” e “vermina” para se referir aos judeus, reproduzindo aquelas mesmas imagens que Hitler usava para afirmar que a “raça judaica” não pertencia à espécie humana. Tanto para o nacional-socialismo como para o autor integralista brasileiro, todos os males da História resumiam-se à ação maléfica de um único inimigo: o judeu. Assim como no sistema de crenças nazista, o anti-semitismo de Gustavo Barroso baseava-se na convicção plena de um “governo oculto de Israel”, no “Estado dentro de um Estado” que fazia dos governos e da imprensa meros fantoches. Os judeus eram os artífices do liberalismo e do comunismo, os dois regimes políticos inventados para gerar a discórdia entre os povos. Com isso, os judeus eram representados metaforicamente como um imenso polvo envolvendo o planeta Terra com seus tentáculos. Gustavo Barroso parecer ter tido uma visão apocalíptica do mundo em que vivia, pois para ele os judeus estavam por toda, tramando, confabulando entre si, para em breve pôr em prática seus planos maquiavélicos. Assim como Hitler se considerava o salvador da humanidade e da raça, Barroso se via na incumbência de alertar os brasileiros do perigo judaico, pois se anunciava uma catástrofe que

só o integralismo, junto com os outros fascismos, poderia conter. A linguagem exacerbada, carregada de ódio e a visão maniqueísta de Gustavo Barroso nos deixam a impressão de que se trata de um fanático monomaniaco, obcecado por uma idéia fixa. Mas o fato é que, mesmo se tratando de um fanático, as convicções desse autor foram importadas de outros homens que nelas acreditavam. Se o discurso anti-semita de Hitler não tivesse exercido atração sobre uma massa de homens, ele não teria chegado ao poder, nem muito menos contado com a colaboração de muitos desses homens para exterminar os judeus.

Embora o anti-semitismo possa parecer algo que desafia o bom senso, Hannah Arendt nos forneceu uma explicação lógica para o surgimento desse fenômeno, a meu ver, tão aparentemente irracional. Não para que se torne como algo aceitável, mas porque foi produto de uma visão distorcida que se desenvolveu a respeito dos judeus, devido ao papel que esse grupo ocupou na sociedade ocidental. Vimos como a utilização do ódio ao judeu serviu de arma política a um grupo, que num momento de crise, pretendeu atingir o poder. Vimos também como foi capaz de influenciar fortemente o pensamento de um intelectual brasileiro. O estudo do fenômeno anti-semita no século XX nos incitou a pensar na importância de uma reflexão sobre os riscos dos dogmatismos e de ideologias leigas que, em substituição a religiões metafísicas, muitas vezes são capazes de assumir o papel de religiões sociais na vida de certos indivíduos.

## A. FONTES

BARROSO, Gustavo. *Brasil, colônia de banqueiros*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1934.

\_\_\_\_\_. *Comunismo, cristianismo e corporativismo*. Rio de Janeiro: ABC, 1938.

\_\_\_\_\_. *Espírito do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

\_\_\_\_\_. *Judaísmo, maçonaria e comunismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

\_\_\_\_\_. *O Integralismo e o mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.

\_\_\_\_\_. *Reflexões de um bode*. 2 ed. Rio de Janeiro: ABC, 1937.

*Os protocolos dos Sábios de Sião*. 3 reed. Porto Alegre: Revisão, 1989.

## B. BIBLIOGRAFIA

ARENDT, Hannah. *Origens de totalitarismo: anti-semitismo, instrumento de poder*. Rio de Janeiro: Documentário, 1975.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *O anti-semitismo na era Vargas (1930-1945)*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CARONE, Edgar. *A República Nova (1930-1937)*. 3 ed. São Paulo: Difel, 1982.



CASTRO, Hebe. História social. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus,1997.

CHAUÍ, Marilena. O imaginário integralista. In: *Ideologia e mobilização popular*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra,1978.

DEL ROIO, José Luiz. *O que todo cidadão precisa saber sobre fascismo*. São Paulo: Global, 1987.

ELIAS, Nobert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FALCON, Francisco. História das idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de Teoria e Metodologia*. 5 ed. Rio de Janeiro: Campus,1997.

FAORO, Raimundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 6 ed. Porto Alegre: Globo, 1985.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: Historiografia e História*. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

FEST, Joachim. *Hitler*. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

GINZBURG, Carlo. Representar o inimigo – Sobre a pré-história dos *Protocolos*. In: \_\_\_\_\_. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o Estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JOHNSON, Paul. *Tiempos modernos: La historia del siglo XX desde 1917 hasta la década de los 90*. Buenos Aires: Javier Vergara, 1993.

LEVINE, Robert. *O Regime Vargas: anos críticos (1934-1938)*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.

MAIO, Marcos Chor; CYTRONOWICZ, Roney. *Ação Integralista brasileira: um movimento fascista no Brasil*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (orgs) *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado novo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

MAZOWER, Mark. *Continente sombrio: a Europa do século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil (1930/1945)*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 1978.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. in: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (orgs) *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado novo*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

ROSE, R. S. *Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e controle social no Brasil (1930-1954)*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SOUSA, Francisco Martins de. *Raízes teóricas do corporativismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel, 1974.